



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social das Organizações

Jovem, licenciado & desempregado: discriminação face à idade e consequências para a saúde

Ana Cláudia Trindade Lourenço

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Social da Saúde

Orientadora:

Doutora Sibila Marques, Investigadora em Pós-Doutoramento no ISCTE-IUL

Outubro, 2013



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social das Organizações

Jovem, licenciado & desempregado: discriminação face à idade e consequências para a saúde

Ana Cláudia Trindade Lourenço

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social da Saúde

Orientadora:
Doutora Sibila Marques, Investigadora em Pós-Doutoramento no ISCTE-IUL

Outubro, 2013

RESUMO

Actualmente, vive-se um momento de progressivo aumento do desemprego jovem, que ocorre paralelamente à melhoria da qualificação dos jovens portugueses.

O presente estudo quasi-experimental almeja compreender o impacto do desemprego nos jovens licenciados na sua percepção de discriminação face à idade, na perspectiva de futuro e consequências para a saúde. Para tal, comparámos dois grupos de jovens, com características semelhantes, mas que diferiam na sua condição de emprego (40 empregados e 33 desempregados).

Concluiu-se que os jovens em situação de desemprego apresentam maiores níveis de percepção de discriminação e piores níveis de saúde (auto-estima, ansiedade, depressão e comorbilidade) e referem sentirem mais sintomas físicos de depressão, dores e sintomas gripais, o que se reflecte na forma como percebem a sua saúde, de forma geral, ou seja, pior do que os jovens empregados. Ao que se refere a perspectiva de futuro, os jovens desempregados apresentam uma perspectiva mais limitada.

Palavras-chave: jovens licenciados, desemprego, discriminação, saúde, perspectiva de futuro

Classificações e códigos da American Psychological Association:

3000 Social Psychology - 3040 Social Perception & Cognition

ABSTRACT

Nowadays, we live in a time where youth unemployment is increasing, while we also witness an improvement in youth qualification.

The present quasi-experimental study yearns to understand the impact of unemployment of graduated youth, in their perception of discrimination, their perspective of the future and health consequences. To achieve the purpose of the study we compare two groups of young people, with similar demographic characteristics, but that differed in their employment condition (40 employed and 33 unemployed).

We conclude that unemployed participants perceive higher levels of discrimination and worst levels of health (self-esteem, anxiety, depression and comorbidity) and report experiencing higher physical symptoms of depression, pain and flu symptoms than employed participants. Regarding the perspective of their future, the unemployed participants showed a more limited expectation. These results are discussed in accordance with the literature in this domain and the main social and political implications.

Key-words: graduated youth, unemployment, discrimination, health, future perspective

Classification Code American Psychological Association:

3000 Social Psychology - 3040 Social Perception & Cognition

ÍNDICE

	Página
I. Introdução	1
II. Revisão da Literatura	2
2.1. Desemprego	2
2.1.1. Perspectiva Global	2
2.1.2. Desemprego Jovem	3
2.2. Juventude – uma fase de mudança	6
2.3. Consequências do desemprego jovem	8
2.3.1. Perspectiva de discriminação	8
2.3.2. Efeitos na Saúde	11
2.3.3. Perspectiva de Futuro	12
2.4. Objectivo de Estudo e Hipóteses de Investigação	14
III. Método	15
3.1. Desenho do Estudo	15
3.2. Participantes	15
3.3. Procedimento	16
3.4. Instrumentos	17
3.4.1. Percepção de Discriminação	17
3.4.2. Saúde	18
3.4.2.1. Rosenberg Self-Esteem Scale – RSES (Rosenberg, 1965)	18
3.4.2.2. Hospital Anxiety and Depression Scale – HADS (Zigmond e Snaith, 1983)	18
3.4.2.3. General Health Questionnaire – GHQ-12 (Golberg, 1992)	19
3.4.2.4. Avaliação de Sintomas Físicos (Dunnell e Cartwright, 1972)	19
3.4.2.5. Auto-percepção do Estado de Saúde	19
3.4.3. Perspectiva de Futuro	20
3.4.4. Explicação do Desemprego	20
IV. Resultados	22
4.1. Diferenças entre jovens desempregados e empregados	22
4.1.1. Percepção de Discriminação	22
4.1.2. Saúde	22
4.1.3. Perspectiva de Futuro	24
4.1.4. Explicação do Desemprego	25
4.2. Correlação entre as variáveis dependentes	25
V. Discussão e Conclusões	27
VI. Bibliografia	31
VII. Anexos	35

ÍNDICE DE QUADROS

	Página
Quadro 1.1 - Desemprego em Portugal no 3º trimestre de 2012	16
Quadro 3.1 - Distribuição da amostra	22
Quadro 4.1 - Comparação dos jovens empregados e desempregados face à percepção de discriminação	23
Quadro 4.2 - Comparação dos jovens empregados e desempregados face à saúde	24
Quadro 4.3 - Percentagem de jovens empregados e desempregados com sinais de perturbação psicológica, segundo as medidas da HADS e GHQ	24
Quadro 4.4 - Comparação dos jovens empregados e desempregados face à perspectiva de futuro	24
Quadro 4.5 - Comparação dos jovens empregados e desempregados face à explicação do desemprego	25
Quadro 4.6 – Correlação entre variáveis dependentes	26

ÍNDICE DE FIGURAS

	Página
Figura 1.1 - Taxa de desemprego em Portugal de 1979 a 2011	2
Figura 1.2 - Taxa de desemprego na União Europeia (Junho 2013)	3
Figura 1.3 - Taxa de desemprego Jovem Mundial (Maio 2012)	4
Figura 1.4 - Taxa de desemprego total e por nível de escolaridade completa (2012)	5

I. INTRODUÇÃO

O desemprego é um dos temas mais presente nos movimentos sociais, na imprensa, na política e nas ruas do país e da Europa. Esta realidade tem aumentado em todos os países, em todas as faixas etárias e, independentemente, da qualificação da pessoa.

Vivemos actualmente na Europa mais uma crise de emprego, sendo o desemprego jovem uma situação que se apresenta de forma clara e que representa o pico deste flagelo (International Labour Office, 2012).

Apesar dos jovens serem um grupo percebido como simpático e competente (Lima, 2010), nos países envelhecidos, como Portugal, debatem-se com a tendência de serem sub-privilegiados, sendo distinguidos com base em estereótipos e preconceitos e sendo alvo de discriminação pela sua idade – idadismo. Este grupo é associado ao aumento da criminalidade e da delinquência, é visto como um conjunto de pessoas sem experiência profissional, que não procuram emprego, de menor estatuto social e com menores padrões morais.

Percebendo o emprego como proporcionador de recursos financeiros e recursos identitários, essencial para a construção da identidade social do indivíduo, influenciando directamente a sua auto-estima, confiança e sentimento de liberdade (McRae, 1986; Pais et al, 2005; Diogo, 2007), torna-se claro que, o não acesso a um emprego poderá acarretar diversos efeitos na vida de um jovem, que deverá vivenciar e experienciar rituais específicos desta fase de mudança.

Sabe-se que o desemprego jovem tem consequências a longo prazo na vida do jovem que o vivência, influenciando a sua saúde, a sua situação laboral e a sua satisfação com a vida mesmo na idade adulta (Bell & Blanchflower, 2011). Afectando, igualmente, o presente, na medida em que, aumenta os níveis de stress, de ansiedade e o risco de depressão e suicídio.

Esta dissertação organiza-se em VII secções. Inicia-se com uma revisão da literatura sobre o tema, onde se apresenta a realidade do desemprego jovem no país e na Europa, seguido da apresentação das consequências do desemprego para os jovens, na percepção de discriminação face à idade, nas consequências para a saúde e para a perspectiva de futuro. Segue-se a apresentação do método e dos resultados óbitos. Finalmente, apresenta-se a discussão dos principais padrões de resultados e as principais implicações para a intervenção neste domínio.

II. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Desemprego

2.1.1. Perspectiva Global

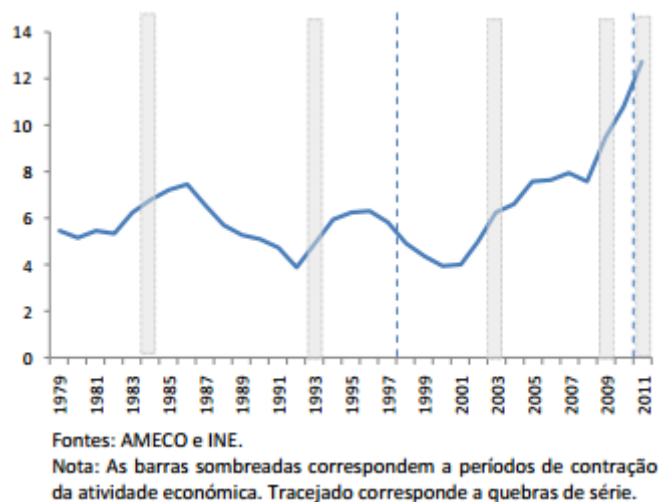
O desemprego é um dos temas mais presentes na actualidade mundial, transpõe fronteiras e impõe alterações nas sociedades que se debatem com valores de desemprego cada vez mais elevadas, atingindo, indiferenciadamente, qualquer indivíduo, de qualquer faixa etária e com diferentes habilitações.

Perceba-se o papel que o emprego adquire, de proporcionador de recursos financeiros para a sobrevivência física e social, de recursos identitário, essencial para vincular e definir a posição na sociedade e a identidade social, na participação na vida económica do país, possibilitando a ligação à rede de relações interpessoais (Costa, 1998; Diogo, 2007). Segundo um estudo comparativo europeu, sobre as representações sociais do trabalho, este estrutura-se em três tipos de valores: valores materialistas (segurança e bem-estar económico), valores individualistas (promoção e valorização pessoal) e valores não materialistas ou valores sociais (utilidade social do trabalho e benefício para terceiros) (Cairns, 2011). De modo mais direccionado aos jovens, mas que assenta em qualquer idade, o emprego permite estabelecer rotinas e experienciar a autonomia, sendo uma fonte de identidade e actividade (Furnham, 1994).

Na actualidade, o desemprego é uma ameaça à estabilidade social, sendo por isso encarado como um problema prioritário, também devido ao facto de os jovens serem dos grupos mais atingidos.

Conforme o demonstrado no quadro 1.1, a taxa de desemprego em Portugal tem vindo a aumentar significativamente, crescendo de um valor de 4,3% em 2000 para um valor de 15,8% em Setembro de 2012 (data de início da presente revisão), estando nos 17,4% no mês de Junho de 2013 (Junho de 2013 – Eurostat).

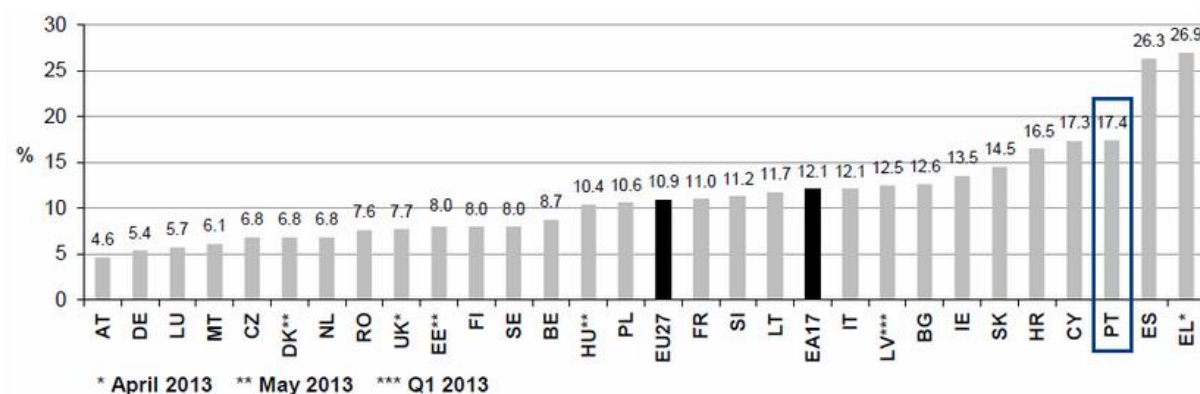
Figura 1.1 – Taxa de desemprego em Portugal de 1979 a 2011 (Ministério das Finanças, Ministério da Economia e do Emprego, Ministério da Solidariedade e Segurança Social, Junho de 2012)



O desemprego tem-se avolumado em determinados períodos nos últimos trinta anos, sendo a grande diferença entre estes, o facto de Portugal já integrar a União Europeia, ao que se aliou a quebra da dinâmica económica, as restrições orçamentais por parte do Estado e as especificidades de um mercado de trabalho de um país da semiperiferia, e levou a crises de emprego, estando a actual crise agravada, mais recentemente, pelas medidas de austeridade orçamentais. Porém, e perante a observação do mesmo gráfico, percebe-se que, nunca como hoje, houve um tão grande aumento da taxa de desemprego (Gonçalves, 2005).

Ao analisarmos o panorama europeu em 2013, quadro 1.2, percebemos a posição que Portugal atinge quando comparado com os restantes estados membros, sendo apenas ultrapassado pela Grécia (EL – 26,9%) e pela Espanha (ES – 26,3%), afastando-se, consideravelmente, da média da União Europeia a 27, que se encontra nos 10,9%. Segundo Gonçalves (2005), taxas de desemprego superiores a 5% são demonstrativas da importância social e política que este fenómeno assume para o presente e futuro das sociedades europeias.

Figura 1.2 – Taxa de desemprego na União Europeia (Eurostat, Junho de 2013)



2.1.2. Desemprego Jovem

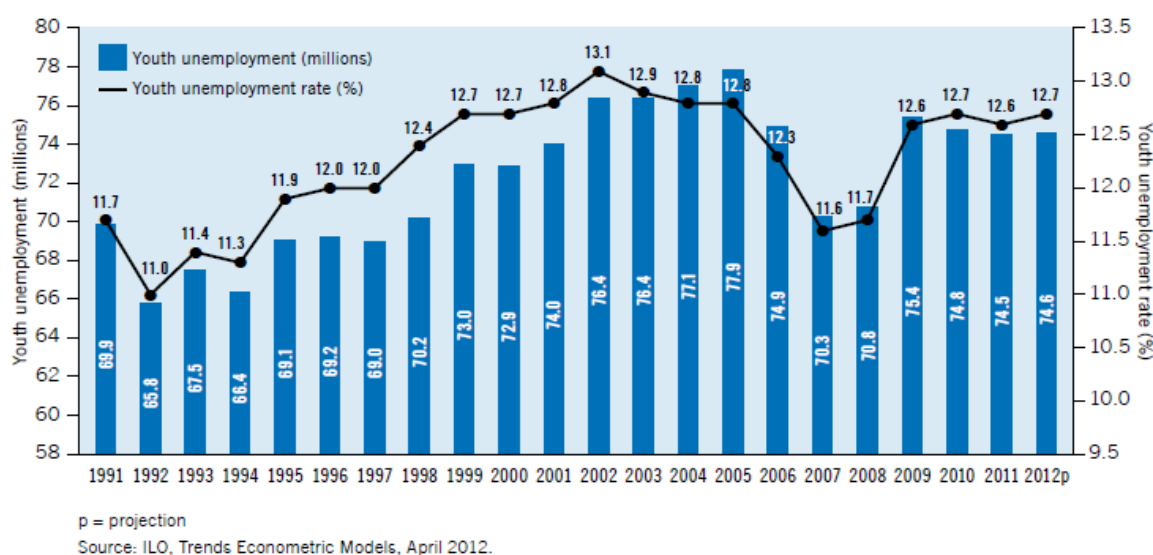
O desemprego jovem é uma realidade, está presente nos movimentos sociais, nas ruas do país e da Europa, a preocupação e a incerteza são uma constante na vida dos jovens. Desta forma, é necessário expor o verdadeiro plano do desemprego e do desemprego jovem a nível nacional e europeu, sabendo que “os jovens (...) sempre constituíram um grupo particularmente vulnerável ao desemprego. Um risco que não só se manteve como se multiplicou nos últimos dois anos” (Pappámikail, 2011), ou seja, são um grupo vulnerável ao desemprego, principalmente em tempos de crise (Furnham, 1994; Bell & Blanchflower, 2010).

Bell & Blanchflower (2010) justificam esta vulnerabilidade segundo dois prismas; i) o primeiro, numa perspectiva do mercado de trabalho interno, por várias razões: devido à menor experiência laboral e menor capacidade de trabalho desenvolvida pelos jovens; e, ii) por outro lado, no que respeita ao mercado de trabalho externo, pela possibilidade dos jovens serem menos eficientes do que os adultos na procura de trabalho, devido ao menor conhecimento da realidade do mercado, ou

ainda pelas empresas preferirem trabalhadores experientes, por concorrerem a um restrito número de empregos ou pelo suporte familiar que mantém.

Desta forma, torna-se importante perceber como se encontra o desemprego jovem a nível nacional e europeu, tendo a consciência que, na esfera mundial, o desemprego jovem tem vindo a aumentar e representa o pico da crise em que vivemos (quadro 1.3) segundo o relatório Global Employment Trends for Youth 2012 (Internacional Labour Office). O mesmo alerta para a situação europeia (e das sociedades desenvolvidas), região onde a crise se faz sentir com maior intensidade e onde o desemprego jovem tem vindo a aumentar desde 2008, com um crescimento massivo de 26,5%, quando comparado com o aumento de 4,7% da taxa de desemprego; mais adianta que, o desemprego jovem deverá ter uma evolução decrescente, mas sem nunca atingir os valores pré-crise, mesmo nas previsões de 2016.

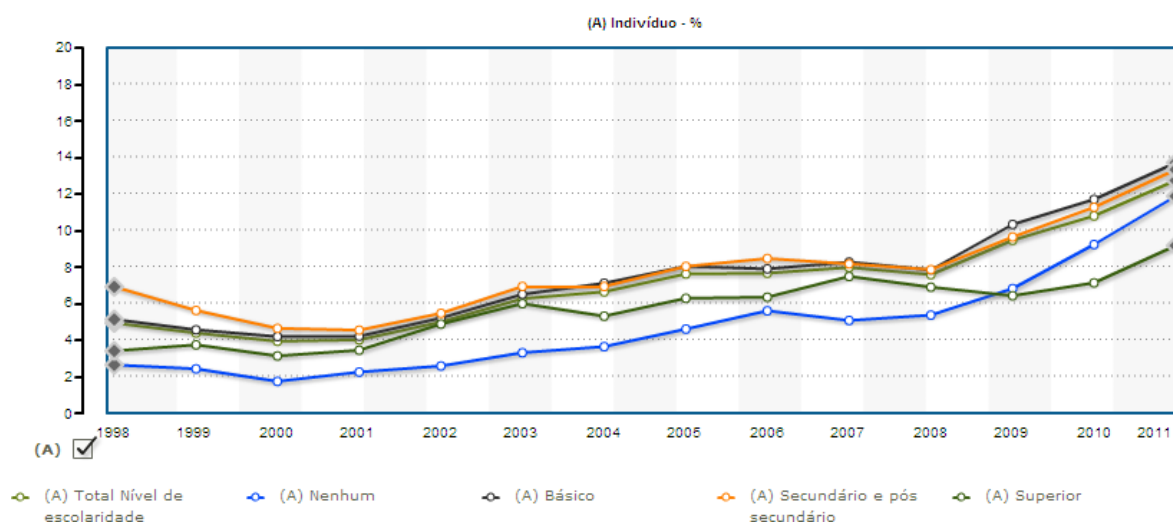
Figura 1.3 – Taxa de desemprego jovem mundial (International Labour Office, Maio de 2012)



Pappámikail (2011), refere que, os jovens portugueses, quando comparados aos restantes países europeus (com excepção da Espanha), apresentam a mais alta taxa de desemprego jovem, sendo Portugal um dos países onde a fragilidade laboral dos jovens persiste até mais tarde.

Por seu lado, a taxa de desemprego de licenciados, ao longo dos últimos anos segue a mesma linha de crescimento, sendo em 1998 de 3,4% e em 2011 de 9,2%, quadro1.4.

Figura 1.4 – Taxa de desemprego total e por nível de escolaridade completa (PORDATA, INE, 2012)



Segundo Gonçalves (2005), esta situação deve-se ao facto de um diploma já não ser uma protecção da exclusão do emprego, da crise económica e financeira ter diminuído o número de entradas para administração pública, na medida em que, o estado era, nos últimos anos, o maior empregador dos recém-licenciados, e devido à melhoria da qualificação dos portugueses, nomeadamente, através do crescimento do ensino universitário (Almeida et al, 2011). Vejamos os números de estudantes inscritos no ensino superior durante as últimas décadas; em 1990, o número de matriculados era de 157.869 alunos, valor que duplicou na primeira década do séc. XXI e que, actualmente (números de 2012) é de 390.273 (PORDATA, 2012). Estes números espelham o crescimento do ensino universitário em Portugal, bem como, a qualificação de grande parte dos jovens.

Observando o terceiro trimestre de 2012, quadro 1.1, e considerando os indivíduos com menos de 35 anos, percebemos que estes apresentam a maior taxa de desemprego no nosso país, 57,1% no total. No que diz respeito à taxa de desemprego de licenciados, esta encontra-se nos 12,7%, com uma taxa de variação em relação ao mesmo período de 2011 de 45,8%, o que comprova o aumento deste fenómeno em Portugal e o seu impacto na sociedade e na vida de quem será o futuro do país. Paralelamente a estas variações, a taxa de jovens licenciados, entre os 20 e os 24 anos, aumentou de 4,1% em 2001, para 5,9% em 2011 (DGEEP, 2006; INE, 2012).

Quadro 1.1 - Desemprego em Portugal no 3º trimestre de 2012 (Observatório das Desigualdades, 2012)

	Nº de Desempregados (milhares)	Peso relativo (%)	Taxa de desemprego (%)	Variação homóloga (%)	Variação trimestral (%)
Total	870,9	100	15,8	26,3	5,3
Homens	468,5	53,8	15,0	32,0	5,9
Mulheres	402,5	46,2	15,4	20,3	3,5
Idade					
Dos 15 aos 24 anos	175,1	20,1	39,0	26,6	17,0
Dos 25 aos 34 anos	237,1	27,2	18,1	30,8	0,9
Dos 35 aos 44 anos	198,5	22,8	13,4	26,7	10,0
Com 45 ou mais anos	260,2	29,9	11,4	22,0	-0,6
Nível de escolaridade					
Até ao 9º ano	517,9	59,5	15,9	15,6	-0,7
Ensino secundário ou pós-secundário	215,5	24,7	17,9	46,4	9,0
Ensino superior	137,5	15,8	12,7	45,8	27,8
Regiões					
Norte	325,1	37,3	15,4	30,1	8,5
Centro	159,1	18,3	12,5	32,7	12,4
Lisboa	252,9	29,0	17,8	20,5	1,1
Alentejo	58,7	6,7	15,1	26,8	5,3
Algarve	34,0	3,9	14,7	9,3	-14,1
RA dos Açores	18,6	2,1	15,4	31,0	-2,1
RA da Madeira	22,5	2,6	17,5	20,3	3,7
Duração da procura					
Menos de 1 mês	38,8	4,5	0,7	5,1	68,7
1 a 5 meses	221,5	25,4	4,0	12,7	-8,1
7 a 11 meses	126,6	14,5	2,3	27,0	5,8
12 a 24 meses	179,7	20,6	3,3	24,4	12,1
25 e mais meses	304,2	34,9	5,5	43,6	7,5
Curta duração (até 11 meses)	386,9	44,4	7,0	16,1	0,9
Longa duração (12 ou mais meses)	483,9	55,6	8,8	35,8	9,2

Apesar do panorama nacional ser ameaçador para qualquer jovem e, embora o crescimento do desemprego dos licenciados seja superior à dos não licenciados, a taxa de desemprego de jovens não licenciados continua a ser superior à taxa de desemprego dos licenciados (Escária & Madruga, 2012). Assim, a “qualificação escolar inicial dos jovens deverá continuar a ser um objectivo, seja das estratégias individuais, seja das políticas públicas” (Escária & Madruga, 2012).

2.2. Juventude – uma fase de mudança

Face ao exposto no ponto anterior, impera a pertinência de compreendermos as especificidades da juventude, para melhor perceber o que o desemprego pode acarretar nesta etapa do curso vital (Calvo, 2005).

É de relembrar que, ter um emprego é, paralelamente, um meio de identidade pessoal, identidade social, de autodeterminação e auto-sustento, que influencia a auto-estima, a confiança e o sentimento de liberdade (McRae, 1986; Pais et al, 2005); que está ancorado à aquisição de novas capacidades e ao sentimento de se ser competente, ao proporcionar novos desafios (Furnham, 1994).

A juventude é considerada uma fase de mudança, um processo de individualização e desfamiliarização, no qual os jovens têm de construir o seu futuro através dos seus próprios meios (Calvo, 2005). Esta transição implica diversos rituais na vida de um jovem, nomeadamente a autonomização financeira, a saída de casa dos pais, a criação de um novo agregado familiar e a

procriação (Almeida et al, 2011). Assim a grande força motriz, para que este processo se desenvolva, é obter um emprego de qualidade, estável, capaz de gerar rendimentos que sustentem todos os outros passos.

Contudo torna-se cada vez mais difícil balizar temporalmente a juventude, uma vez que, este processo tem-se complexificado e prolongado ao longo dos anos (Calvo, 2005; DGEEP, 2006; Almeida et al, 2011). Tal ocorre devido ao aumento do tempo de formação escolar dos jovens, à dificuldade de ter um emprego estável e adequadamente remunerado (DGEEP, 2006; Almeida et al, 2011) e às implicações e responsabilidades quotidianas e financeiras de um início de vida como são exemplo, a habitação ou o primeiro filho. Por outro lado, actualmente, muitas destas transições encontram-se hipotecadas pela situação de crise e desemprego, o que se espelha, por exemplo, na permanência ou regresso à casa dos pais (Bynner, 2001; Chislom & Kovacheva, 2002; Cairns, 2011), ou seja, a família permanece como apoio material e afectivo, instrumental, consultivo ou simbólico (Pais et al, 2005; Calvo, 2005).

Perante estas mudanças, os estudos mais actuais consideram a juventude até aos 34 anos, nomeadamente a Direcção-Geral de Estudos, Estatísticas e Planeamento. Contudo, segundo a investigação realizada por Lima et al (2011), com dados do European Social Survey, na União Europeia (a 28 países) a percepção do limite da idade jovem é de 39,9 anos, já em Portugal a idade em que as pessoas deixam de ser consideradas jovens é de 35 anos.

É de salientar que esta caracterização da juventude se pretendeu aproximar à realidade e especificidade nacional, assinalando as características convergentes do grupo em questão, sem nunca perder o valor dos objectivos de cada jovem, nem esquecendo que este é um processo individual.

A nível europeu têm-se verificado as mesmas alterações na vida dos jovens, sendo que a saída da casa dos pais depende da cultura e tradições de cada país; por seu lado, Portugal e os países mediterrânicos caracterizam-se pelo abandono de casa dos pais após estabilidade financeira e/ou casamento (Bynner, 2001).

Assim, importa compreender de que forma a não concretização de etapas fulcrais na juventude influencia áreas importantes na vida dos jovens. Neste trabalho está-se particularmente interessado em compreender a percepção que estes têm de ser um grupo alvo de discriminação, sendo a idade o factor de discriminação mais mencionado no Relatório do European Social Survey, quer na Europa quer em Portugal (Lima et al, 2011). Do mesmo modo, procura-se compreender também os impactos que a condição de desemprego tem ao nível da saúde dos jovens e das suas expectativas em relação ao seu futuro.

2.3. Consequências do desemprego jovem

2.3.1. Percepção de discriminação

Segundo Chislom & Kovacheva (2002), os jovens, mesmo sendo um grupo flexível e aberto à mudança (o que faz com que as economias baseadas no conhecimento invistam nos seus jovens), em países envelhecidos, como os países europeus, debatem-se com a tendência de serem sub-privilegiados.

Esta afirmação levanta outra ponta do problema social do desemprego jovem, que se centra no idadismo face aos jovens, entenda-se idadismo como as “atitudes e práticas negativas generalizadas em relação aos indivíduos baseadas somente numa característica – a sua idade” (Nelson, 2009; Marques, 2011); a par do racismo e do sexismo, o idadismo é uma das formas de prejudicar directamente uma minoria que se encontra mais presente nas sociedades (Packer & Chasteen, 2006).

Lima et al (2010), explica que as atitudes são tendências psicológicas, presentes na avaliação realizada perante uma entidade, uma avaliação favorável ou desfavorável; sendo, a referida entidade, objecto da atitude. Segundo a mesma autora, a atitude é constituída por três tipos de expressão face à entidade, neste caso a idade, que são: estereótipo (expressão cognitiva), preconceito (expressão afectiva) e discriminação (expressão comportamental).

O idadismo face aos jovens surge em diversos estudos, através de estereótipos, estigmas, preconceitos e discriminações, ou seja, em todas as suas dimensões e que são sempre sustentadas por dados verídicos. Por exemplo: McRae (1987), refere que os jovens desempregados sofrem de dois estigmas, o de estarem na situação de desemprego e o de não terem experiência profissional, e expõe o estereótipo dos jovens viverem com base em subsídios, sem procurarem outras saídas, ideia que a autora contraria ao constatar que a maioria dos jovens inquiridos continuava a procura de emprego, mesmo após vários meses de desemprego. Do mesmo modo, Ferreira (2006), aborda o estigma da criminalidade dos jovens, sendo capaz de provar (com base em dados do INE) que o crescimento da criminalidade perante o desemprego é transversal a todas as faixas etárias.

A par dos estudos supra citados, também a União Europeia tem desenvolvido dados sobre este fenómeno social. O European Social Survey (2009) apresenta dados acerca da percepção que a sociedade tem dos jovens, vendo-os com menor estatuto social, ao que se associam representações antagónicas dos mesmos, como sejam representações de “inveja” e “admiração”. Neste mesmo estudo, os inqueridos referem, uma vez mais, temerem, não só, a criminalidade dos jovens, mas também a preferência dos empregadores por trabalhadores mais novos (esta tendência verifica-se igualmente em Portugal); estes factos poderão estar relacionados com a forma como os jovens percebem a discriminação, 55% dos jovens (entre os 15-24 anos) afirmam já terem sido tratados com falta de respeito; porém, em Portugal, este valor fica-se pelos 23%.

No Relatório do European Social Survey (Lima, 2010), os jovens são vistos como simpáticos e competentes, mas, quando comparado com o grupo de pessoas idosas, são menos simpáticos e são vistos como menos dignos de respeito com menores padrões morais.

Outros dados europeus, colhidos do relatório da Discriminação na EU em 2012 – Eurobarómetro (2012) que, pela primeira vez, separou a condição “idade” em: “ter mais de 55 anos” e “ter menos de 30 anos”; mostram que 10% dos portugueses consideram “ter menos de 30 anos” um factor de discriminação, apresentando dos valores mais baixos de entre os factores de discriminação percebidos em Portugal. No que diz respeito à igualdade de oportunidade de trabalho, 10% dos portugueses afirmam que, “ter menos de 30 anos”, pode ser um factor que desfavorece o candidato, apenas superando a condição “morada do candidato”, e 32% dos inquiridos afirmam que a crise económica está a contribuir para o aumento da discriminação dos jovens no mercado de trabalho, sendo o valor mais baixo de entre todas as condições.

A discriminação é ambígua e de difícil afirmação com certeza (Major & Sawyer, 2009), podendo ser verificada quando: o alvo sente que foi discriminado, na presença de factores que influenciam a probabilidade de atribuir eventos de discriminação e na presença de consequências psicológicas, interpessoais e físicas da discriminação e quando o alvo é considerado vítima de discriminação. É prioritário perceber os antecedentes e as consequências da discriminação percebida, procurando saber o que as pessoas afirmam que observaram ou se sentiram, por pertencerem a um determinado grupo etário.

A discriminação pode ser abordada pela perspectiva da percepção ou pelas atribuições para a discriminação, “perception of discrimination” ou “attributions to discrimination”, (Major & Sawyer, 2009), sendo que a percepção se relaciona com o nível e frequência da incidência da discriminação e a atribuição diz respeito a eventos específicos; porém, em muitos estudos esta distinção não é feita e, actualmente, os investigadores consideram que fazer uma “attribution to discrimination” é uma avaliação muito subjectiva, uma vez que, os factores pessoais e situacionais podem sobrevalorizar ou subvalorizar os resultados da discriminação. Por outro lado, os investigadores têm reconhecido a percepção da discriminação como preditor dos efeitos nas relações, na auto-estima e no bem-estar psicológico.

Perante uma situação de discriminação, os autores (Major & Sawyer, 2009) verificam dois tipos de comportamentos, a minimização e a vigilância. A minimização refere-se ao facto de uma pessoa, vítima de discriminação, minimizar ou negar tal comportamento por parte de outro, uma das razões pode ser a fuga à rejeição por parte dos opositores ou pela necessidade de pertença e aceitação; por outro lado, podem ser as maiorias a minimizar a existência de discriminação, não se considerando discriminadores. A vigilância prende-se com o facto de uma pessoa alvo de discriminação se manter, constantemente, alerta face à discriminação, podendo-se tornar hipersensível a qualquer comportamento e agindo antecipadamente a qualquer sinal.

A discriminação é percebida como mais forte quando o discriminador é visto com maior status, quando a situação é interpretada como algo propositado, causando prejuízo ao discriminado ou quando este se encontra num ambiente em que é estereotipado (Lazarus & Folkman, 1984).

Por outro lado, a personalidade e os factores situacionais e estruturais moderam o impacto da discriminação. Por exemplo: os membros de grupos estereotipados desenvolvem estratégias cognitivas para protegerem a sua auto-estima, ou seja, atribuem os factores negativos a algo externo ao seu grupo. Contudo, existem vários estudos em que nem sempre o uso deste tipo de estratégias

cognitivas ocorre e que os membros de grupos vulneráveis se percebem como um alvo de discriminação, o que diminui a sua auto-estima, promove emoções negativas e prejudica o seu bem-estar psicológico. Estas constatações provam a variedade com que este conceito é abordado e estudado (Major & Sawyer, 2009)

As situações de discriminação são abordadas pela União Europeia que, através da Agência dos Direitos Fundamentais - Conselho da Europa (Manual sobre a legislação europeia de antidiscriminação, 2010), estipula que pessoas em situações semelhantes devem receber tratamento semelhante e não ser tratadas de forma menos favorável devido a uma característica protegida, assim como, pessoas em situações diferentes devem ter um tratamento diferenciado, de maneira a permitir dispor de oportunidades na mesma base que as outras pessoas. Distingue assim, a discriminação directa da discriminação indirecta.

A discriminação directa existe na presença de um tratamento diferente de pessoas em situações idênticas, baseada numa característica identificável; percebe-se que este tratamento é, clara e evidentemente, desfavorável. Para tal afirmação é necessário haver um elemento de comparação, ou seja, uma pessoa que se encontre em circunstâncias materiais semelhantes, cuja única diferença encontrada são as características protegidas.

Por sua vez, a discriminação indirecta verifica-se quando, por uma disposição, critério ou prática neutra, um grupo protegido é colocado numa situação de desvantagem, quando comparado com pessoas em semelhante situação; na medida em que, não há diferença no tratamento, mas os efeitos desse tratamento serão sentidos de formas diferentes.

É de referir que a agência europeia acima mencionada define característica protegida face à discriminação, como uma característica inerente a uma pessoa, que não deve ser considerada relevante para justificar um tratamento diferenciado, incluindo o reconhecimento de algum tipo de vantagem; as características elencadas pela União Europeia são: sexo, orientação sexual, deficiência, idade, religião ou convicções e a origem racial ou étnica. Contudo, a Convenção Europeia dos Direitos do Homem enumera outras características que devem ser protegidas da discriminação, nomeadamente, sexo, raça, cor, língua, religião, opiniões políticas ou outras, a origem nacional ou social, a pertença a uma minoria nacional, a riqueza, o nascimento ou qualquer outra situação, este último item tem permitido aos tribunais e outras instituições contemplar as restantes categorias protegidas pelas directivas de antidiscriminação da União Europeia, sendo elas a deficiência, a idade e a orientação sexual.

No que refere especificamente à discriminação no trabalho, segundo o International Labour Office (Convenção n.º 111 da Organização Internacional do Trabalho, sobre a Discriminação em Matéria de Emprego e Profissão, Genebra 25 de Junho de 1958 - artigo 1º, alínea 1 a) presente em Portugal através do Decreto-Lei n.º 42 520, de 23 de Setembro de 1959) discriminação compreende *toda a distinção, exclusão ou preferência fundada na raça, cor, sexo, religião, opinião política, ascendência nacional ou origem social, que tenha por efeito destruir ou alterar a igualdade de oportunidades ou de tratamento em matéria de emprego ou profissão*, é de salientar que não há referência à distinção com base na idade, o que demonstra a necessidade dos órgãos legislativos actualizarem as normas que regem a contratação de trabalhadores.

O International Labour Office (ILO, 2012) aborda as consequências desta situação para os jovens, sendo que algumas das consequências mais visíveis serão o agravamento da discriminação, dos estereótipos e dos preconceitos – idadismo, face a este grupo, o que influencia gravemente a possível entrada para o mercado de trabalho aos que se encontrem há mais tempo desempregados, dado que, cada vez mais, se vão acumulando jovens com iguais capacidades e competências na procura do mesmo posto de trabalho (McRae, 1987; ILO, 2012).

2.3.2. Efeitos na Saúde

O conceito de saúde tem sofrido alterações ao longo da História, seguindo, não só os seus acontecimentos, mas também os avanços da ciência e tecnologia.

Desta forma, a World Health Organization (WHO, 2003), na sequência da Segunda Guerra Mundial e através da Conferência Internacional de Saúde (em Nova Iorque, 1946), definiu saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença.

Contudo, esta definição tem vindo a ser questionada, uma vez que idealiza um estado ambicioso e quase impossível de ser atingido, quer pelo indivíduo quer pelos sistemas de saúde, na medida em que não abarca as situações actuais, nomeadamente, do envelhecimento com doenças crónicas e o aumento destas, bem como, se mostra um conceito dificilmente mensurável (Huber, et al, 2011).

Assim, a Regional Office for Europe of WHO (1986) na Carta de Ottawa para a Promoção da Saúde (Netherlands Organisation for Health Research and Development & Health Council of the Netherlands, 2011), acrescenta a importância de incluir o nível de saúde percebido pelos indivíduos ou grupos, bem como, a sua capacidade de realizar as suas aspirações, satisfazer as suas necessidades e lidar com o ambiente que os rodeia, vendo a saúde como um recurso para a vida diária e não o seu objectivo; engloba deste modo, os recursos sociais e individuais.

Face ao modo como actualmente se entende a saúde, percebe-se o desemprego como uma situação geradora de stress, que reduz o bem-estar dos jovens, aumenta os níveis de **ansiedade** e a susceptibilidade de má nutrição, doença e diminuição de **auto-estima**; o risco de suicídio é maior e, ainda, é possível verificar piores níveis de saúde física na idade adulta. Por outro lado, o desemprego, reduz o bem-estar no presente e potencia comportamentos de risco (Bell & Blanchflower, 2010), podendo levar a sentimentos de inutilidade e ociosidade (McRae, 1987).

Um estudo desenvolvido no Reino Unido (Bell & Blanchflower, 2010), que compara jovens desempregados com outros jovens que trabalham ou estudam, verificou que quem vivência o desemprego, sente-se mais ansioso, rejeitado, perdido, inseguro, deprimido, isolado e menos amado, ou seja, estes jovens sentem-se menos satisfeitos com a sua saúde, apresentando mesmo pensamentos suicidas e risco de **depressão** aumentado.

O risco de um futuro marcado pelo desemprego ou a precariedade laboral também se mostra como possível sequela do desemprego jovem, situação que pode igualmente afectar a felicidade, a satisfação e realização com o trabalho (Almeida et al, 2011; ILO, 2012).

2.3.3. Perspectiva de futuro

Segundo a Teoria Socioemocional Selectiva (Carstensen, 1993), os objectivos de vida (e em especial as relações sociais) são seleccionados pelos indivíduos de acordo com a percepção que estes têm do seu futuro, podendo ser uma perspectiva fechada (limitada) ou aberta (“open-ending”).

Deste modo, quando o tempo é percebido como longo, os objectivos prioritários são balizados de forma a otimizar o futuro, com o intuito de desenvolver conhecimentos e contactos que poderão ser úteis noutro momento, como são exemplos, a procura do lugar na sociedade, da vocação ou de uma carreira profissional (Carstensen & Lang, 2002; Carstensen & Fung, 2006).

Por outro lado, quando o tempo é percebido como limitado, os objectivos emocionais ganham maior relevo, uma vez que, se encontram associados a benefícios conseguidos num curto período de tempo (Carstensen & Lang, 2002); estes objectivos emocionais podem ser divididos em objectivos associados ao controlo emocional, quer na procura de novas emoções quer no conhecimento de si, ou objectivos relacionados com a responsabilidade face às próximas gerações, assim como, por continuar a existir a procura de um significado ou o querer deixar uma marca, o que as autoras nomeiam como objectivo “generativity”, sendo este género de objectivos mais comuns nos indivíduos que percebem que o seu tempo está a chegar ao fim.

Estes estudos (Carstensen & Lang, 2002; Carstensen & Fung, 2006) têm mostrado que existem diferenças na forma como as pessoas mais jovens e mais velhas percebem os seus futuros. O que se verifica é que as pessoas mais jovens tendem a perceber o futuro como mais aberto do que as pessoas mais velhas. Este padrão tem sentido porque os jovens percebem o seu tempo e os seus objectivos com base numa percepção de tempo longo, ao contrário das pessoas mais velhas, que percebem o seu tempo a esgotar-se, ou seja, têm uma perspectiva mais limitada do futuro.

Porém, embora este seja o padrão tipicamente previsto em função da idade dos indivíduos, existem algumas situações que podem limitar as perspectivas de futuro dos jovens. Veja-se o exemplo de pessoas portadoras de doenças graves e/ou crónicas que apresentam objectivos semelhantes aos das pessoas idosas (Carstensen & Fredrickson, 1998), ou a semelhança de objectivos que existe entre jovens e idosos que experienciaram acontecimentos socioculturais graves (atentados, epidemias, por exemplo), uma vez que estes factos primam a realidade da fragilidade da vida (Carstensen & Fung, 2006).

De acordo com o supracitado estudo realizado no Reino Unido (Bell & Blanchflower, 2010), os jovens desempregados, em comparação com os jovens empregados, sentem-se menos felizes com as suas relações de amizade e familiares e menos confiantes no futuro e referem não ter nenhuma meta nem direcção a seguir na sua vida, verificando-se uma diminuição da esperança nas oportunidades da vida. De facto as marcas do desemprego são maiores e mais duradouras nos jovens do que nos adultos, explicando este fenómeno através de dois componentes. Em primeiro lugar, um jovem desempregado tem maior probabilidade de se manter nessa situação. Por outro lado, este acontecimento será visível nos seus futuros salários, por exemplo um jovem, com vinte e dois anos, que tenha estado desempregado durante seis meses terá um salário 8% mais baixo aos vinte e

três anos e 2-3% aos trinta anos, quando comparado com aqueles que não estiveram desempregados.

Bell & Blanchflower (2010), realizaram um estudo longitudinal – National Child Development Study, no qual seguiram crianças nascidas numa determinada semana de 1958, na Grã-Bretanha, tendo estabelecido oito contactos com os participantes, sendo o último entre Agosto de 2008 e Maio de 2009. De entre os resultados deste estudo, salienta-se o facto de, mesmo passados vinte anos de uma situação de desemprego jovem, os participantes continuarem a sofrer consequências desse período. No que diz respeito à satisfação com a vida, a par da felicidade e da saúde, os autores constataram níveis mais baixos; no que concerne à satisfação com o trabalho. Os resultados do estudo demonstram que, adultos que tenham estado desempregados na sua juventude evidenciam menores níveis de satisfação com o trabalho.

Deste modo, são visíveis as consequências do desemprego no que refere ao próprio jovem, o que pensa de si, a sua saúde, o seu presente e futuro, mas também as consequências a nível social, podendo despertar a manifestação pública do descontentamento e instabilidade dos jovens, aumentando o risco de instabilidade social (Bell & Blanchflower, 2010; ILO, 2012).

2.4. Objectivo de Estudo e Hipóteses de Investigação

O presente trabalho tem como objectivo identificar o impacto do desemprego dos jovens licenciados, no que refere à sua perspectiva de futuro e às consequências para a saúde.

Apesar de existirem alguns estudos neste domínio, estes adoptam sobretudo uma perspectiva sociológica e têm algumas limitações importantes.

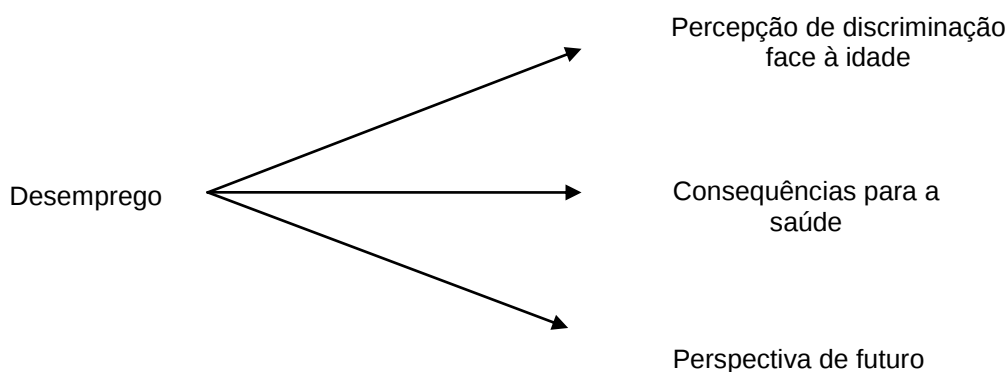
Por exemplo, as evidências demonstradas foram estudadas tomando o grupo de jovens como um todo, sem fazer qualquer distinção. Veja-se a este respeito o estudo de McRae (1987) que analisou a situação de jovens desempregados, através de entrevistas e da análise qualitativa das mesmas, o estudo europeu e norte-americano (Petersen & Mortimer, 1994), que investigou a transição do estatuto de estudante para trabalhador, tendo maior enfoque a nível dos adolescentes, e o estudo britânico de Bell & Blanchflower (2010), que procurou conhecer as consequências do desemprego jovem, com base num estudo longitudinal, com início na década de 60 do século passado e término no ano de 2009; ou incluíram jovens com menores qualificações e rendimentos (Diogo, 2007; Almeida et al, 2011).

O presente estudo pretende ser um contributo para o estudo deste fenómeno procurando ultrapassar algumas destas limitações. Adoptando uma perspectiva psicossociológica, estando particularmente interessado em compreender os efeitos que a situação de desemprego tem num grupo específico de jovens – licenciados – na forma como se percebem alvo de discriminação face à idade, na sua saúde mental e física e nas expectativas que têm em relação ao futuro. De acordo com a literatura, são formuladas as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Jovens licenciados desempregados percebem maior nível de discriminação face à idade do que jovens empregados com iguais características.

Hipótese 2: Jovens licenciados desempregados têm piores níveis de saúde mental e física do que jovens empregados com iguais características.

Hipótese 3: Jovens licenciados desempregados têm uma perspectiva de futuro mais limitada do que jovens empregados com iguais características.



III. MÉTODO

3.1. Desenho do Estudo

De forma a testar as hipóteses levantadas, realizou-se um estudo quasi-experimental, em que se procurou manter a semelhança entre características demográficas dos grupos de jovens licenciados empregados e desempregados.

Consideraram-se jovens em situação de desemprego, aqueles que estivessem nessa situação num período superior a seis meses e inferior a vinte e quatro meses (segundo o International Labour Office (2012), os desempregados são um grupo de pessoas que estão disponíveis para trabalhar, mas que não têm trabalho com remuneração, e que procuram uma oportunidade de trabalho, por conta de outrem ou por conta própria). No que refere aos jovens empregados, consideraram-se jovens com contratos estáveis e que estivessem a trabalhar há mais de seis meses (segundo o International Labour Office (2012), os empregados são um grupo de pessoas que trabalham e que obtêm remuneração, incluindo licenças e baixas).

3.2. Participantes

O presente estudo contou com a participação de 73 jovens, formando uma amostragem não aleatória e convencional. Tendo em consideração o objectivo do trabalho e as hipóteses levantadas, a amostragem dividiu-se em dois grupos de jovens, um de jovens em situação de desemprego e outro grupo de jovens empregados.

Deste modo, o grupo de empregados teve 40 inquiridos ($n=40$), com idades compreendidas entre os 22 e os 34 anos ($M=28,08$; $DP=2,87$), sendo que a maioria são do sexo feminino (65%). Neste grupo, 75% dos participantes é detentor do nível académico de licenciatura, sendo que 37,5% tem formação científica na área das ciências da saúde e 47,5% tem formação científica na área das ciências sociais. Relativamente ao tempo de emprego, os inquiridos trabalham, em média, há 58 meses, aproximadamente 5 anos, sendo que este valor varia entre os 6 meses e os 14 anos ($M=58,23$; $DP=31,18$), estando 52,5% dos empregados “satisfeito” com a sua situação laboral e 25% “não muito satisfeito”.

O grupo de desempregados é composto por 33 inquiridos ($n=33$), com idades compreendidas entre os 21 e os 34 anos ($M=26,03$; $DP=3,78$), sendo que a maioria são do sexo feminino (81,8%). No que confere ao tempo de desemprego, este varia entre os 6 meses e os 24 meses, estando em média há 10 meses nesta situação ($M=10,61$; $DP=6,47$); a maioria dos jovens tem formação científica na área das humanidades (27,3%) e ciências sociais (27,3%), sendo, na sua maioria, detentores do grau de licenciatura (72,7%).

Ao nível do rendimento individual médio mensal líquido, 45% dos empregados têm um rendimento médio entre os 1001€ e os 1167€, variando entre os 458€ e os 2083€. No grupo de

desempregados, 39,4% não responde. Os restantes têm rendimento que varia entre menos de 458€ e os 833€.

Procedemos a uma comparação das características demográficas das duas amostras em estudo. Esta análise permitiu verificar que não existiam diferenças significativas entre as duas amostras, quer no que se refere ao sexo e ao grau de escolaridade. Verificámos, no entanto, uma diferença significativa na idade dos participantes, $t=2.627$; $df=71$; $p=.11$, sendo que o grupo dos jovens empregados é superior ao dos jovens desempregados (quadro 3.1).

Quadro 3.1 – Distribuição da amostra

	Sexo	Idade (anos)		Escolaridade	
	Feminino	M	DP	Licenciatura (1º Ciclo)	Pós-Graduação, 2º e 3º Ciclo
Empregado	26 (65%)	28,08	2,87	30 (75%)	10 (25%)
Desempregado	27 (81,8%)	26,03	3,78	24 (72,7%)	9 (27,3%)

3.3. Procedimento

O processo de selecção da amostra fundamentou-se: na formação académica dos jovens, tendo os participantes no mínimo o grau de licenciatura, e na idade, sendo a idade mínima dezoito anos e a idade máxima de trinta e quatro anos, visto que os estudos mais recentes estendem a juventude até esta idade.

O contacto com os participantes desenvolveu-se através da rede de conhecimentos e da técnica de “snowball” (Biernack & Waldorf, 1981), bem como por meio de empresas de recrutamento e recursos humanos às quais os desempregados recorrem durante o processo de procura de emprego.

O instrumento elaborado para colheita de dados foi o questionário (Anexo A), que, segundo Hoz (1985), é um instrumento de recolha de dados, conjunto de perguntas e questões pertinentes com as características e dimensão do que se deseja estudar (Hoz, 1985); na medida em que, permite a recolha de informações a um largo número de pessoas e com custos acessíveis, pode ser aplicado pelo investigador ou por um número vasto de pessoas, com efeitos limitados na validade e viabilidade dos dados, a análise dos dados pode ser desenvolvida com base em variados objectivos e permite a comparação de resultados com outras investigações (Ackroyd & Hughes, 1981). Assim, esta metodologia possibilita colher as informações necessárias em apenas um contacto com o participante e, no mesmo instrumento, articular as diferentes vertentes das variáveis em estudo.

A construção do questionário seguiu as indicações de Hill & Hill (2000), apresentando inicialmente uma introdução ao questionário, o que engloba: o pedido de colaboração, a justificação da aplicação e da natureza do questionário, a apresentação da instituição, a declaração do anonimato e da confidencialidade das respostas, bem como, as instruções de resposta.

O questionário realizado foi construído através da articulação de diferentes escalas, nomeadamente: Discriminação face à idade (Garstka et al., 2004); Rosenberg Self-Sesteem Scale - RSES (1965); Hospital Anxiety and Depression Scale - HADS (Zigmond e Snaith, 1983); Avaliação de Sintomas Físicos (Dunnell e Cartwright, 1972); Auto-percepção do Estado de Saúde (Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge); Future Time Perspective Scale - FTPS (Carstensen & Lang, 1996); Explanations for Unemployment Scale (Furnham, 1982), e ainda, para jovens empregados. Job Satisfaction (European Working Conditions Observatory, 2007).

Num momento precedente à aplicação, o questionário foi pré-testado, segundo as indicações de Hill & Hill (2000). Inicialmente, o questionário foi apresentado a um especialista com conhecimento sobre amostra em estudos (jovens), com o objectivo de pedir a sua opinião acerca da pertinência das perguntas incluídas.

Posteriormente, o questionário foi respondido por um conjunto de quatro jovens (dois empregados e dois desempregados), que possibilitou a avaliação da compreensão das questões, duração de preenchimento e a melhoria da apresentação gráfica.

O questionário esteve disponível em versão física (papel) e em versão on-line, com recurso ao programa de inquéritos Qualtrics e foi aplicado entre Maio e Setembro de 2013.

3.4. Instrumentos

3.4.1. Discriminação

No sentido de avaliar a percepção de discriminação dos jovens inquiridos recorreu-se à escala da discriminação pela idade de Garstka et al. (2004). A presente escala encontra-se dividida em quatro itens, as respostas são dadas através de uma escala de Likert (1 – discordo totalmente a 7 – concordo totalmente). Segundo os autores, a escala apresenta, para jovens, um valor de *Alpha de Cronbach* 0,77. O nível de percepção de discriminação calcula-se pela média dos valores das quatro respostas, quanto maior o valor maior a discriminação percebida.

No presente estudo a consistência interna foi elevada (*Alpha de Cronbach* de 0,82).

3.4.2. Saúde

Com o objectivo de avaliar a saúde dos participantes, optou-se pela selecção de escalas já existentes, traduzidas e validadas para a população portuguesa, e por escalas construídas e utilizadas pelas organizações governativas nacionais.

3.4.2.1. Rosenberg Self-Esteem Scale – RSES (1965)

A Escala de Auto-Estima de Rosenberg permite avaliar a auto-estima através da medida de sentimentos positivos e negativos em relação a si próprio (Rosenberg, 1965). Esta divide-se em dez questões, as quais são respondidas usando uma escala de Likert (quatro níveis de concordância), cinco de orientação positiva e outras cinco de orientação negativa. No que refere às possíveis respostas, a sua cotação verifica-se pelo somatório dos níveis de todas as questões, sendo que, pode variar entre dez e quarenta, em que dez corresponde a máxima auto-estima e quarenta a mínima auto-estima; salienta-se que, nas questões de orientação negativa (questões 2, 5, 6, 8 e 9), a cotação é invertida (Santos & Maia, 2003).

Na amostra a consistência interna foi elevada, confirmada por um valor de *Alpha de Cronbach* de 0,78.

3.4.2.2. Hospital Anxiety and Depression Scale – HADS (Zigmond e Snaith, 1983)

A Hospital Anxiety and Depression Scale possibilita a avaliação da ansiedade e depressão. Na sua essência esta escala foi criada para doentes hospitalares, mas em situação de ambulatório, pode detectar situações clínicas de ansiedade e depressão e o seu grau de severidade, sem englobar os sintomas físicos.

No entanto, vários estudos têm verificado que a HADS avalia igualmente situações de ansiedade e depressão em indivíduos sem antecedentes clínicos (Arnstein, et al., 2001). Assim, a designação de “hospital” permanece pela origem da própria escala.

Este instrumento, constituído por catorze questões, divide-se em duas sub-escalas, uma de ansiedade e outra de depressão, as questões 1, 3, 5, 7, 9, 11 e 13 referem-se à ansiedade e as restantes (2, 4, 6, 8, 10, 12 e 14) à depressão. Contudo, muitos estudos têm verificado a correlação entre ambas as escalas (Arnstein, et al., 2001; Marcori et al., 2007).

A avaliação de possíveis perturbações baseia-se no somatório das respostas dadas pelo indivíduo, segundo a escala de Likert utilizada, com quatro níveis e pontuadas de zero a três. Segundo Zigmond & Snaith (1983), valores abaixo de oito, em ambas as escalas, não há presença de ansiedade ou depressão, entre oito e dez pode indicar uma possível perturbação e, acima de onze, são considerados casos clínicos.

Assim, o *Alpha de Cronbach* da escala de ansiedade foi de 0,74; o *Alpha de Cronbach* referente à escala de depressão foi de 0,65, sendo valores aceitáveis.

3.4.2.3. General Health Questionnaire – GHQ-12 (Golberg, 1992)

A General Health Questionnaire possibilita a avaliação da presença de comorbilidade psiquiátrica, na medida em que pode ser aplicado a uma população indiferenciada e na detecção de doenças psiquiátricas não psicóticas, ou seja, fundamenta-se em dois grupos de problemas: incapacidade de realizar funções rotineiras e surgimento de doenças (Makowska, et al., 2002).

A GHQ-12 abarca questões (seis positivas e seis negativas) relacionadas com sintomas somáticos, ansiedade, insónias, inabilidade social e depressão, às quais os inquiridos devem responder com base no seu estado (mood) recente e através de uma escala de quatro pontos. Segundo o método de avaliação de Golberg, os dois primeiros níveis de possíveis respostas têm um score de 0 e os últimos dois níveis de resposta um score de 1, assim, a amplitude de respostas é de 0 a 12, em que o cut-off de oito é o limiar para doenças psiquiátricas (Makowska, et al., 2002).

Na amostra, a presente escala apresentou um valor de consistência interna elevado *Alpha de Cronbach* de 0,91.

3.4.2.4. Avaliação de Sintomas Físicos (Dunnell e Cartwright, 1972)

Esta escala apresenta 23 itens relacionados com sintomas físicos gerais, que podem ser interpretados como sintomas psicossomáticos de alterações da saúde mental dos inquiridos. A cada item deve ser respondido em que grau o inquirido sentiu o sintoma em questão, no último mês. Sendo as possíveis respostas (escala de Likert): nunca - 1, quase nunca, às vezes, com alguma frequência ou muito frequente – 5. Deste modo, quanto maior o score de resposta mais frequente é o sintoma.

Para interpretar os sintomas físicos dos dois grupos neste estudo foi necessário realizar uma análise factorial em componentes principais com rotação oblíqua ($KMO=0,68$; Bartlett's $\chi^2(73)=38,93$, $p=0,000$), dando origem a cinco factores, que explicam 39,2% da variância total, segundo o critério de Kaiser.

Os cinco factores são: sintomas de depressão (factor 1), itens 2, 8, 17, 18 e 21, que apresenta um *Alpha de Cronbach* de 0,83; sintomas dor (factor 2), itens 12, 13, 15 e 23, que apresenta um *Alpha de Cronbach* de 0,76; sintomas de gripe (factor 3), itens 1 e 5, que apresenta um *Alpha de Cronbach* de 0,68; sintomas de equilíbrio (factor 4), itens 10 e 6, que apresenta um *Alpha de Cronbach* de 0,53, e sintomas de ansiedade ou problemas de coração (factor 5), item 22.

3.4.2.5. Auto-percepção do Estado de Saúde

A auto-percepção do estado de saúde constitui um indicador do estado de saúde dos indivíduos de grande importância, na medida em que mede a percepção subjectiva do estado de saúde mental e física, sem a interferência de interpretações médicas dos sintomas (Vintém, 2002).

Deste modo, e segundo a WHO (1996), citada por Vintém (2002), a monitorização da saúde e da qualidade de vida da população tem como principal indicador a forma como cada um se apercebe do seu próprio estado de saúde, uma vez que o indivíduo é quem melhor avalia a sua saúde, com fundamento no seu percurso de vida e na sua cultura.

A avaliação da auto-percepção do estado de saúde é realizada por meio de uma questão, que é respondida por uma escala de Likert (com cinco níveis de resposta), esta questão é parte

integrante, desde 1995, do Inquérito Nacional de Saúde de Portugal, realizado pelo Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, em parceria com o Instituto Nacional de Estatística e colaboração da Direcção Geral de Saúde.

3.4.3. Perspectiva de Futuro

A Escala de Perspectiva de Futuro (Future Time Perspective, Carstensen & Lang, 1996) permite, como a própria designação indica, a avaliação da perspectiva de futuro dos participantes. É constituída por dez questões sobre as quais se indica o grau de concordância, numa escala de concordância entre 0 a 7, na qual 0 corresponde a uma afirmação completamente falsa e 7 a uma afirmação completamente verdadeira, é de referir que os últimos três itens devem ser invertidos. Desta forma, existe uma amplitude de respostas entre zero e setenta, quanto maior o score alcançado mais se considera a perspectiva de futuro aberta.

Para a presente escala foi necessário realizar uma análise factorial em componentes principais com rotação oblíqua ($KMO=0,52$; Bartlett's χ^2 (73)=14,39, $p=0,002$), ficando a escala dividida em três factores que, segundo o critério de *Kaiser*, explicam 48,63% da variância total.

Um dos factores encontra-se relacionado com as oportunidades do futuro, nomeadamente, o estabelecimento de objectivos no futuro e a percepção do futuro aberta (factor 1), itens 1, 3, 5 e 6, com *Alpha de Cronbach* de 0,81. Outro factor relacionado com limitações do futuro, referente à percepção de um tempo finito (factor 2), itens 8, 9 e 10, com *Alpha de Cronbach* 0,72. E, por último, um factor relacionado com a perspectiva sobre a vida (factor 3), itens 4 e 7, com *Alpha de Cronbach* 0,62.

3.4.4. Explicação do Desemprego

Com o objectivo de averiguar as razões atribuídas ao desemprego, recorreu-se à Escala de Explicação do Desemprego, criada por Furnham (Explanations for Unemployment Scale, 1982), estando dividida em três dimensões: individualista, societal e fatalista. A presente escala tem sido alvo de várias mudanças e alterações, pelo que se optou por adaptar a versão de 19 itens (versão original com 20 itens), validada num estudo que englobou sete países, e que se encontra adaptada à actual realidade social e económica (Mylonas et al., 2013).

Na escala as causas/razões individualistas ($\alpha= 0,98$) prendem-se com questões internas e voluntárias, ligadas ao esforço e capacidade (presentes nos itens: 2, 3, 5, 12,13,15 e 19); a dimensão societal ($\alpha= 0,81$) engloba causas externas e desajustes à realidade, por exemplo, do ensino e da gestão empresarial (itens: 1, 4, 6, 8, 11 e 18); as causas fatalistas ($\alpha= 0,78$) encontram-se associadas à sorte, ao acaso ou a situações incontrolláveis (itens: 7, 9, 10, 14, 16 e 17) (Mylonas et al., 2013).

As dezanove afirmações são apresentadas e, a cada uma, deve ser atribuído um nível de importância de explicação do desemprego (1 – muito importante a 7 – pouco importante), assim, quanto menor o score maior o grau de concordância com a possível explicação.

A presente escala foi traduzida e adaptada para este estudo, tendo sido submetida a uma posterior retroversão.

Com o objectivo de testar as qualidades psicométricas do instrumento, foi realizada uma análise factorial em componentes principais com rotação oblíqua ($KMO=0,64$; Bartlett's $\chi^2(73)=28,31$, $p=0,000$), que originou três factores e que explicam 58,58% da variância total, segundo o critério de *Kaiser*.

Assim, a escala manteve as três dimensões: individualista (factor 1), societal (factor 2) e fatalista (factor 3). Posteriormente, ao fazer a análise dos factores, conclui-se: factor 1, composto pelos itens 3, 2, 12 e 13, apresenta uma *Alpha de Cronbach* 0,88; factor 2, composto pelos itens 4, 8, 11 e 18, apresenta uma *Alpha de Cronbach* 0,80; factor 3, composto pelos itens 14, 16 e 17, apresenta uma *Alpha de Cronbach* 0,76.

IV. RESULTADOS

4.1. Diferenças entre jovens desempregados e empregados

Uma vez que se verificou uma diferença significativa na idade do grupo de jovens empregados e desempregados, procurou-se perceber se esta variável se relaciona com as variáveis dependentes. Não se encontrou qualquer relação significativa, pelo que esta variável não foi controlada nas análises subsequentes.

De um modo geral, seguiu-se sempre a mesma estratégia de análise dos resultados. De forma a compreender a existência, ou não, de diferenças entre os dois grupos da amostra, jovens empregados e desempregados, testou-se as hipóteses com recurso ao teste *t* para amostras independentes. Apresenta-se seguidamente os resultados obtidos.

4.1.1. Percepção de discriminação

Ao analisar os resultados da percepção de discriminação dos jovens, verifica-se que os jovens desempregados apresentam maiores níveis de discriminação do que os jovens que se encontram empregados, com iguais características.

Quadro 4.1 – Comparação dos jovens empregados e desempregados face à percepção de discriminação

	Empregados		Desempregados		<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
	M	DP	M	DP			
Percepção Discriminação	2,96	1,41	3,86	1,19	-2,91	71	,002

Nota: considerámos todos os testes unilaterais

4.1.2. Saúde

Considerando as escalas para avaliação da saúde dos participantes, os jovens em situação de desemprego apresentam, no geral, menores níveis de saúde.

Relativamente à auto-estima, e lembrando que a máxima auto-estima corresponde a um score de dez e a mínima auto-estima a um score de quarenta, verifica-se uma auto-estima mais baixa nos jovens desempregados.

No que diz respeito à ansiedade e à depressão, também se observa a mesma variação, ou seja, os jovens desempregados apresentam piores níveis de saúde nestas duas medidas. A este respeito verificou-se que, 55% dos jovens desempregados apresentam scores de ansiedade

superiores a 8, ou seja, têm uma possível perturbação (22%) ou são mesmo considerados casos clínicos (33%); enquanto, por comparação, 25% dos jovens empregados apresentam scores correspondentes a possíveis perturbações, $\chi^2 (2)=12,08$, $p<,01$. Quanto à depressão, não se verificaram diferenças nas percentagens de jovens empregados e desempregados com possíveis sinais de alarme do ponto de vista clínico.

Por seu lado, a comorbilidade psiquiátrica manifestada pelos jovens desempregados é superior à dos jovens empregados, sendo que 33% dos jovens em situação de desemprego apresenta scores superiores a 8, em comparação com os 10% de jovens empregados, $\chi^2 (1)= 6.03$, $p<,05$; ou seja, estes jovens desempregados podem apresentar problemas relacionados com incapacidade de realizar funções rotineiras ou podem estar a desenvolver algum tipo de doença.

Na escala de avaliação de sintomas físicos apenas se verificaram valores marginalmente significativos no que concerne aos sintomas de depressão, dores e sintomas de ansiedade ou problemas de coração.

Conclui-se ainda que existem diferenças na auto-percepção de saúde entre os grupos de jovens, já que os desempregados apresentam piores resultados nesta medida do que os empregados.

Quadro 4.2 – Comparação dos jovens empregados e desempregados face à saúde

		Empregados		Desempregados		<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
		M	DP	M	DP			
Auto-estima		17,10	3,83	19,42	3,55	-2,67	71	,004
Ansiedade		6,90	2,57	9,18	3,93	-2,98	71	,002
Depressão		4,08	2,79	5,36	3,10	-1,91	71	,03
Comorbilidade		2,23	3,33	5,36	3,84	-3,74	71	,000
Sintomas Físicos	S.F.depressão	1,98	,77	2,279	,88	-1,54	71	,06
	S.F.dores	2,06	,74	2,363	,96	-1,47	71	,07
	S.F.gripe	1,76	,74	1,909	1,07	-,69	71	,25
	S.F.coração	1,21	,73	1,03	,17	1,34	70	,09
	S.F.equilíbrio	1,33	,47	1,5	,84	-1,12	71	,133
Auto-percepção de Saúde		3,95	,68	3,55	,75	2,41	71	,009

Nota: considerámos todos os testes unilaterais

Quadro 4.3 – Percentagem de jovens empregados e desempregados com sinais de perturbação psicológica, segundo as medidas da HADS e GHQ

	Empregados	Desempregos
Ansiedade*	27,5%	54,5%
Depressão*	7,5%	15,2%
Comorbilidade Psiquiátrica**	10%	33,3%

*Cut-off: 12 **Cut-off: 8

4.1.3. Perspectiva de Futuro

Apenas se verificaram diferenças no factor “perspectivas de futuro limitadas”, no sentido em que os empregados apresentam uma perspectiva de futuro mais aberta do que os desempregados.

Quadro 4.4 - Comparação dos jovens empregados e desempregados face à perspectiva de futuro

		Empregados		Desempregados		<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
		M	DP	M	DP			
Perspectiva de Futuro	P.F.limitada	4,71	1,3	3,879	,16	2,8	71	,004
	P.F.oportunidades	4,13	,16	4,136	,19	-,04	71	,50
	P.F.vida	4,94	,05	4,97	,03	-,13	71	,39

Nota: considerámos todos os testes unilaterais

4.1.4. Explicação do Desemprego

Ao analisar as diferenças entre os dois grupos de jovens, no que se refere às explicações do desemprego, percebe-se que não existem diferenças significativas entre ambos.

Quadro 4.5 - Comparação dos jovens empregados e desempregados face às explicações do desemprego

		Empregados		Desempregados		<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
		M	DP	M	DP			
Causas de Desemprego	C.D.Individualistas	3,98	1,32	3,96	1,52	,04	71	,485
	C.D.Societais	2,8	1,39	2,96	1,28	-,53	71	,298
	C.D.Fatalistas	3,4	1,34	3,3	1,42	,28	71	,391

Nota: considerámos todos os testes unilaterais

4.2. Correlação entre as variáveis dependentes

Em termos exploratórios, procurou-se perceber se as diferentes variáveis se correlacionam entre si (quadro 4.6).

Desta forma, foi possível concluir que a percepção de discriminação se correlaciona com todas as variáveis, excluindo a variável ansiedade e os sintomas físicos de ansiedade ou problemas de coração.

As variáveis de saúde: auto-estima, comorbilidade psiquiátrica, sintomas físicos de depressão e auto-percepção de saúde correlacionam-se com todas as outras variáveis, excepto com os sintomas físicos de ansiedade ou problemas de coração.

Por outro lado, a variável depressão não se correlaciona com as variáveis ansiedade e sintomas físicos de ansiedade ou problemas de coração; a variável sintomas físicos de dores não se correlaciona com a perspectiva de futuro – limitações nem com os sintomas físicos de ansiedade ou problemas de coração.

Por último, de entre as variáveis da saúde, a ansiedade apenas se correlaciona com a auto-estima, os sintomas físicos de dores e a auto-percepção de saúde.

No que diz respeito à perspectiva de futuro (factor limitações), não se correlaciona com a ansiedade, a comorbilidade, os sintomas físicos de dores e com os sintomas físicos de ansiedade ou problemas de coração.

Quadro 4.6 – Correlação entre variáveis dependentes

	Percepção Discriminação	Auto-estima	Ansiedade	Depressão	Comorbidade	Sintomas Físicos depressão	Sintomas Físicos dores	Sintomas Físicos coração	Auto- percepção de saúde	Perspectiva de futuro limitada
Percepção Discriminação	-	,364**	,137	,287**	,350**	,277*	,264*	-,128	-,347**	-,245*
Auto-estima	,364**	-	,484**	,363**	,449**	,458**	,341**	,030	-,442**	-,378**
Ansiedade	,137	,484**	-	,193	,491*	,486**	,316**	-,070	-,319**	-,187
Depressão	,287*	,363**	,193	-	,494**	,502**	,262*	-,080	-,394**	-,331**
Comorbidade	,350**	,449**	,491	,494**	-	,470**	,241*	-,116	-,394**	-,181
Sintomas Físicos depressão	,277*	,458**	,491	,502**	,470**	-	,493**	,052	-,409**	-,327**
Sintomas Físicos dores	,264*	,341*	,491**	,262*	,241*	,493**	-	,060	-,382**	-,173
Sintomas Físicos coração	-,128	,030	-,070	-,080	-,116	,052	,060	-	-,133	,066
Auto-percepção de saúde	-,374**	-,442**	-,319**	-,394**	-,394**	-,409*	-,382**	-,133	-	,348**
Perspectiva de futuro limitada	-,245*	-,378**	-,187	-,331**	-,181	-,327*	-,173	,066	,348**	-

Nota: * = $p < .05$, ** = $p < .01$. N = 73 para todas as análises.

V. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objectivo identificar o impacto do desemprego dos jovens licenciados, no que refere à discriminação percebida face à idade, consequências para a saúde mental e física e perspectiva de futuro, que se expressou nas três hipóteses levantadas.

Tendo presente o objectivo geral testaram-se as seguintes hipóteses: i) H1: jovens licenciados desempregados percebem maior nível de discriminação do que jovens empregados, com iguais características; ii) H2: jovens licenciados desempregados têm piores níveis de saúde mental e física do que jovens empregados, com iguais características; iii) H3: jovens licenciados desempregados têm uma perspectiva de futuro mais limitada do que jovens empregados, com iguais características.

Os resultados permitiram corroborar H1 já que se verificou que os jovens em situação de desemprego perceberam maiores níveis de discriminação face à idade do que os jovens em situações de emprego. Estes resultados estão de acordo com a literatura que existe neste domínio.

No que respeita à situação laboral, os estudos anteriores mostram que um jovem que esteja em situação de desemprego se sente mais discriminado (International Labour Office, 2012), sendo percebido como alguém sem experiência e que não procura mudar a sua realidade (McRae, 1987). Por outro lado, um jovem que esteja em situação de desemprego tem maior probabilidade de se manter nessa situação, o que também se irá reflectir nos salários e níveis de satisfação com o trabalho e níveis de saúde na idade adulta (Bell & Blanchflower, 2010).

De um modo geral, os resultados também permitiram corroborar H2. De facto, verificou-se que os jovens desempregados tinham piores níveis de saúde no que se refere a auto-estima, ansiedade e depressão, comorbilidade psiquiátrica e sintomas físicos de ansiedade, depressão e dores. Para mais, verificaram-se ainda sinais clínicos importantes de ansiedade e comorbilidade psiquiátrica que são significativamente superiores nos jovens desempregados do que nos jovens empregados. Este é um resultado importante e que chama a atenção para os efeitos que o desemprego tem na saúde dos jovens.

O desemprego reduz o bem-estar e auto-estima dos jovens, aumenta os níveis de stress e a susceptibilidade de má nutrição, sendo potenciador de comportamentos de risco; na verdade, um jovem desempregado sente-se menos feliz com a sua saúde, apresentando um risco de depressão e de ideação suicida aumentado (Bell & Blanchflower, 2010).

Finalmente, os resultados permitiram também verificar H3, já que os jovens em situação de desemprego mostraram ter expectativas de futuro mais limitadas do que os jovens em situações de emprego. A situação do desemprego na juventude afecta de forma negativa as expectativas individuais no futuro, sendo que os jovens se sentem menos confiantes no futuro e não conseguem antever uma meta nem direcção a seguir nas suas vidas, ou seja, há uma diminuição da esperança nas oportunidades da vida. Assim, os jovens constroem uma perspectiva de futuro limitada, o que se encontra teoricamente associada aos idosos, às pessoas portadoras de doenças terminais ou que tenham experienciado acontecimentos que mostrem a realidade e fragilidade da vida, como catástrofes naturais, atentados terroristas ou epidemias (Carstensen & Fung, 2006).

Contudo, os resultados do estudo mostraram que nos três factores subsequentes à análise factorial da escala, apenas nas limitações percebidas na perspectiva de futuro os jovens desempregados têm uma perspectiva mais limitada do que os empregados, ou seja, têm diferenças a nível do estabelecimento de objectivos no futuro e a percepção do futuro aberta; não se tendo encontrado diferenças significativas nos factores das oportunidades futuras e na perspectiva sobre a vida, que se prende com o facto de perceberem o tempo como algo finito e que não permite criar objectivos a longo prazo.

De forma a tentar compreender se estas diferenças entre os grupos poderiam ser explicadas pelas atribuições às causas do desemprego, testou-se se estas seriam diferentes entre ambos e se podiam moderar o efeito, ou seja, se o facto de os jovens licenciados desempregados atribuírem explicações do desemprego externas a si poderia influenciar os níveis de discriminação, níveis de saúde e diferenças nas limitações do futuro, enquanto os empregados atribuiriam causas pessoais ao desemprego, seguindo as conclusões de Furnham (1994). Todavia, neste estudo os empregados e os desempregados apresentam iguais atribuições a este fenómeno, não se tendo verificado relações significativas entre esta variável e as outras variáveis dependentes. Neste sentido, este factor não parece influenciar a relação entre as variáveis.

Ao serem analisadas as correlações entre as variáveis independentes, percebe-se que a variável sintomas físicos de ansiedade ou problemas de coração não se correlaciona com qualquer outra e que a auto-estima e a comorbilidade psiquiátrica são as que mais correlações apresentam.

Dos resultados obtidos alguns devem ser cuidadosamente referidos, uma vez que, mostram níveis preocupantes de risco de perturbações psiquiátricas clínicas. Na escala de ansiedade mais de metade dos desempregados encontram-se com scores correspondentes a níveis elevados de ansiedade, estando perto de um terço desses indivíduos com scores que podem ser considerados casos clínicos.

Na escala de comorbilidade psiquiátrica, um terço do total dos jovens licenciados em situação de desemprego que responderam ao questionário apresentam valores preocupantes, o que se pode manifestar na incapacidade de concretizar tarefas diárias e rotineiras ou mesmo estarem a desenvolver doenças psiquiátricas (não psicóticas).

Limitações e estudos futuros

Para compreender melhor esta situação, poder-se-ia, futuramente, testar se a percepção de discriminação é uma variável mediadora dos efeitos do desemprego na saúde e na perspectiva de futuro dos jovens licenciados.

Por outro lado, seria interessante perceber se os jovens têm percepção dos graves níveis de saúde que apresentam.

Como limitações do próprio estudo, e face aos resultados obtidos, dever-se-ia ter questionados os jovens inquiridos se tinham alguma patologia diagnosticada, bem como, perguntar directamente em que nível socioeconómico se consideram. Porém, segundo Hollingshead (2011), a educação é um dos quatro factores principais que permitem perceber o estatuto de um indivíduo, na medida em que a escolaridade reflecte o conhecimento adquirido e os interesses culturais, sendo a base para adquirir um emprego com influência na sociedade.

De acordo com os resultados obtidos, com a sua importância, proporções e consequências para os jovens, as suas famílias e a sociedade, seria aconselhável realizar novos estudos que incluam um maior número de jovens, com o objectivo de possibilitar uma visão mais abrangente da situação e generalizar os resultados e sensibilizar os órgãos governativos e legislativos para esta temática.

Conclusões

Ao compreender o emprego como a força que impele o jovem a alcançar os objectivos específicos e intrínsecos à fase da sua vida, como sejam, a sua emancipação e a construção do seu próprio futuro, compreende-se que a não aquisição desse factor na vida de um jovem pode hipotecar todo o seu percurso até à idade adulta.

Noutro sentido, ser detentor de um curso superior já não é sinónimo de um futuro seguro, um futuro estável que possibilite concretizar os mais diversos objectivos, embora os licenciados mantenham taxas de desemprego mais baixas do que os não licenciados, a seu crescimento é bastante superior.

Porém, as consequências do desemprego estendem-se muito para além do que o dinheiro permite adquirir, as consequências do desemprego afectam a saúde e as perspectivas de futuro dos jovens na actualidade e no futuro. O desemprego leva a que os jovens se sintam discriminados por uma característica impossível de transpor, que é a sua idade.

Finalizando, este estudo surge como a procura de alargar conhecimentos sobre um fenómeno actual e real da nossa sociedade, que é o flagelo do desemprego, mais concretamente, do desemprego dos jovens com altos níveis de escolaridade. Perante a revisão da literatura realizada, os estudos anteriores conhecidos ou investigam grupos de baixas qualificações e remunerações ou, na sua maioria, estudam a juventude de uma forma geral. Assim, pretende-se abrir um pequeno caminho

para a investigação e o conhecimento do que este grupo específico sente, perspectiva e vive, um grupo que é o futuro e a força para o avanço e melhoria do nosso país.

VI. BIBLIOGRAFIA

- Ackroyd, S. & Hughes, J.A. (1981). *Data Collection in Context*. New York: Longman.
- Almeida, N.A., et al (2011). *Jovens em transições precárias: trabalho, quotidiano e futuro*. Coleção Desigualdades – Observatório das Desigualdades. Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Arnstein, M., Eystein, S. & Dahl, A.A. (2001). Hospital Anxiety and Depression scale: factor structure, item analyses and internal consistency in a large population. *British Journal of Psychiatry*, 179, 540-544.
- Bell, D.N. & Blanchflower, D.G. (2011). *Young People and the Great Recession*. Discussion Paper Series, Bonn: IZA, 5674.
- Biernacki, P. & Waldorf, D. (1981). Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, 10(2), 141-163.
- Bynner, J., Chishlom, L. & Furlong, A. (2001). *Youth, citizenship and social change in European context*. Aldershot: Ashgate.
- Cairns, D. (2011). Youth, precarious and the future – undergraduated housing transitions in Portugal during the economic crises. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 66, 9-25.
- Calvo, E.G. (2005). El envejecimiento de la juventud. In Sabbah, S.B. (Ed.), *Autonomía de la Juventud en Europa* (11-19). inJuve - Revista de Estudios de Juventud nº 71.
- Carstensen, L. (1993). Motivation for social contact across the life span: A theory of socioemotional selectivity. *Nebraska Symposium on Motivation*, 40, 209–254.
- Carstensen, L. & Fredrickson, B. (1998). Influence of HIV status and age on cognitive representations of others. *Health Psychology*, 17, 494–503.
- Carstensen, L. & Fung, F. (2006). Goals change when life's fragility is primed: Lessons learned from older adults, the September 11th attacks and SARS. *Social Cognition*, 24, 248-278.
- Carstensen, L. & Lang, F. (2002). Time Counts: Future Time Perspective, Goals and Social Relationships. *Psychology and Aging*, 17 (1), 125-139.
- Chisholm, L. & Kovacheva, S. (2002). *Exploring the European youth mosaic: the social situation of young people in Europe 2002*. Editions du Conseil de l'Europe.
- Comissão Europeia – Eurobarómetro (2012). *Discriminação na UE em 2012*.
- Conselho da Europa – Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (2010). *Manual sobre a legislação europeia antidiscriminação*. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.
- Costa, A.B. (1998). *Exclusões Sociais*. Coleção Fundação Mário Soares – Cadernos Democráticos 2. Lisboa: Edições Gradiva.
- Diogo, F. (2007). *Pobreza, Trabalho, Identidade*. Lisboa: Celta Editora.
- Direcção-Geral de Estudos, Estatísticas e Planeamento (2006). *Os jovens e o mercado de trabalho: caracterização, estrangulamento à integração efectiva na vida activa e a eficácia das políticas*. Coleção Cogitum 18.
- Dunnell, K. & Cartwright, A. (1972). *Medicine Takers, Prescribers and Disorders*. London: Routledge & Kegan Paul.

- Escária, V. & Madruga, P. (2012). Empregabilidade e Inserção Profissional dos Diplomados do Ensino Superior. *Observatório Permanente da Juventude*. Disponível em:
<http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/basesdedados/temadomes>.
- Eurofound - European Working Conditions Observatory (2007). *Job satisfaction*. Disponível em:
<http://www.eurofound.europa.eu/ewco/health/jobsatisfaction/>
- Eurostat – European Comission (2012). *Youth Unemployment*. Disponível em:
http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php/Youth_unemployment
- Ferreira,V.S. (Ed.) (2006). *A condição juvenil portuguesa na viragem do milénio: um retrato longitudinal através de fontes estatísticas oficiais 1990-2005*. Instituto Português da Juventude.
- Field, A. (2009). *Discovering Statistics Using SPSS*. London: SAGE Publication
- Fortin, M.F. (2003). *O Processo de Investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência, Décarie Éditeur.
- Furnham, A. (1994). The psychosocial consequences of youth unemployment. In: Petersen, A.C. & Mortimer, J.T. (Ed.). *Youth unemployment and Society* (199-223). Cambridge University Press.
- Garstaka, T., et al (2004). Young and older adults differ in their responses to perceived age discrimination. *Psychology and Aging*, 19 (2), 326-335.
- Gonçalves, M.C. (2005). Evoluções recentes do desemprego em Portugal. *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras*, 15, 125-163.
- Hill, M.M. & Hill, A. (2000). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Hollingshead, A. (2011). Four Factor Index of Social Status. *Yale Journal of Sociology*, 8, 21-52.
- Hoz, Arturo (1985) *Investigacion Educativa: Dicionário Ciências da Educação*. Madrid: Ediciones Anaya, S.A.
- Huber, M., et al (2011). How should we define health? *British Medical Journal*, 343.
- Instituto Nacional de Estatística (2012). *Censos 2011 Resultados Definitivos – Portugal*.
- International Labour Office (2012). *Global Employment Trends for Youth 2012*. Geneva.
- Lazarus, R. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Lima, M. (Coord.), Marques, S., Batista, M & Ribeiro,O. (2010). *Idadismo na Europa: Uma abordagem psicossociológica com o foco no caso português – Relatório I*. European Research Group on Attitudes to Age.
- Lima, M. (Coord.), Marques, S. & Batista, M. (2011). *Idadismo na Europa: Uma abordagem psicossociológica com o foco no caso português – Relatório II*. European Research Group on Attitudes to Age.
- Major, B. & Sawyer, P.J. (2009). Attributions to Discrimination: Antecedents and Consequences. In: Nelson, T. (Ed.). *Handbook of prejudice, stereotyping and discrimination* (89-110). Psychology Press.
- Makowska, Z., Merecz, D., Moscicka, A. & Kolasa, W. (2002). The validity of general health questionnaires, GHQ-12 and GHQ-28, in mental health studies of working people. *International Journal of Occupational Medicine and Environmental Health*, 15 (4), 353-362.

- Marcoli, J.A., et al. (2007). Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão: estudo da validade de critério e da confiabilidade com pacientes no pré-operatório. *Revista Brasileira de Anestesiologia*, 57 (1), 52-62.
- Marques, S. (2011). O idadismo em relação aos jovens nos países europeus. *Observatório Permanente da Juventude*. Disponível em:
<http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/basesdedados/temadomes>.
- Ministério das Finanças, Ministério da Economia e Emprego, Ministério da Solidariedade e Segurança Social (2012). *A Evolução Recente do Desemprego – relatório*. Disponível em:
http://www.portugal.gov.pt/media/630155/20120619_relatorio_emprego.pdf.
- McRae, S. (1987). *Young and jobless: the social and personal consequences of long-term youth unemployment*. London: Policy Studies Institute.
- Mylonas, K. et al. (2013). The Explanations for Unemployment Scale: An Eight-Country Study on Factor Equivalence. In: Kashima, Y.; Kashima, E.S. & Beatson, R. *Steering the Cultural Dynamics: selected papers from the 2010 Congress of The International Association for Cross-Cultural Psychology*, 195-203.
- Nelson, T. (2009). Ageism In: Nelson, T. (Ed.). *Handbook of prejudice, stereotyping and discrimination* (431-437). Psychology Press.
- Netherlands Organisation for Health Research and Development & Health Council of the Netherlands (2011). *Invitational Conference 'Is health a state or an ability? Towards a dynamic concept of health' Report of the meeting December 10-11, 2009*. The Hague.
- Packer, D.J. & Chasteem, A.L. (2006). Looking to the future: how possible aged influence prejudice toward older adults. *Social Cognition*. 24 (3), 218-247.
- Pais, J.M., Cairns, D. & Pappámikail, L. (2005). Jovens europeus: retratos da diversidade. *Tempo Social – revista de sociologia da USP*, 17 (2), 109-140.
- Pappámikail, L. (2011). A juventude e o mercado de trabalho: o debate acerca da “precarização” das relações laborais. *Observatório Permanente da Juventude*. Disponível em:
<http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/basesdedados/temadomes>.
- Petersen, A.C. & Mortimer, J.T. (Ed.). *Youth unemployment and Society* (199-223). Cambridge University Press.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Santos, P.J. & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da Escala de Auto-Estima de Rosenberg. *Psicologia: teoria, investigação e prática – Centro de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho*, 2, 253-268.
- Vintém, J.M. (2002). Inquéritos Nacionais de Saúde: auto-percepção do estado de saúde: uma análise em torno da questão de género e da escolaridade. *Revista Portuguesa de Saúde Pública - Psicologia da saúde*, 26 (2), 5-16.
- World Health Organization (2003). *WHO definition of Health*. Disponível em:
<http://www.who.int/about/definition/en/print.html>

Zigmond A.S., Snaith R.P. (1983). The hospital anxiety and depression scale. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 67, 361-370.

VII. ANEXOS

Anexo A. Questionário

Anexo A. Questionário

O presente questionário tem como objectivo a colheita de informação sobre os jovens licenciados da actualidade. A compilação dos dados é parte integrante do desenvolvimento da dissertação para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social da Saúde, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Todas as respostas são anónimas e confidenciais e os dados serão trabalhados com privacidade.

O questionário é constituído por uma caracterização inicial, seguida de 9 questões de resposta fechada, para responder, por favor, coloque um **X** na opção que considera.

Muito obrigada pela colaboração!

Idade: anos

Sexo: F ☐ M ☐

Nível Académico:

Licenciatura
Pós-Graduação
Mestrado Integrado
Mestrado
Doutoramento

☐
☐
☐
☐
☐

Curso:

Situação actual:

Empregado

Desempregado

Desempregado, mas já trabalhei

☐
☐
☐

Por favor, passe para a pergunta b)

Por favor, passe para a pergunta a)

Por favor, passe para a pergunta a)

a) Se está desempregado, indique por favor há quanto tempo está nessa situação:
(por favor, passe para a alínea f)

b) Se está empregado, qual a sua ocupação/actividade profissional?

c) Se está empregado, por favor indique o seu grau de satisfação com o seu emprego:

Muito Satisfeito	Satisfeito	Não muito Satisfeito	Nada Satisfeito
☐	☐	☐	☐

d) Se está empregado, por favor indique há quanto tempo trabalha:

e) Se **está empregado**, por favor indique que tipo de contrato de trabalho tem:

Tempo Indeterminado	Tempo Incerto	Tempo Certo	Tempo Parcial	Recibos Verdes	Não sabe	Não Responde

f) Indique, por favor, qual dos seguintes escalões corresponde ao seu rendimento individual mensal (médio, mensal, líquido, em euros).

< 458 €	
Entre 458 e 625 €	
Entre 626 e 833 €	
Entre 834 e 1000 €	
Entre 1001 e 1167 €	
Entre 1168 e 1417 €	

Entre 1418 e 1667 €	
Entre 1668 e 2083 €	
Entre 2084 e 2917 €	
Mais de 2917 €	
Não sabe	
Não responde	

Q1. Indique, por favor, em que grau concorda com as seguintes afirmações:

	DISCORDO			NÃO CONCORDO/ NEM DISCORDO	CONCORDO		
	COMPLETAMENTE	EM GRANDE PARTE	PARCIALMENTE		PARCIALMENTE	EM GRANDE PARTE	COMPLETAMENTE
Sinto-me pessoalmente uma vítima da sociedade devido à minha idade							
Considero-me uma pessoa que foi privada das oportunidades disponíveis a outros devido à minha idade							
O grupo das pessoas jovens tem sido vitimizado pela sociedade							
Historicamente, os membros do meu grupo de idade têm sido mais discriminados do que os de outros grupos de idade							

Q2. As seguintes questões referem-se ao modo como se sente consigo próprio. Por favor, indique o seu grau de concordância para cada uma das afirmações.

	CONCORDO TOTALMENTE	CONCORDO	DISCORDO	DISCORDO TOTALMENTE
1. Em geral, sinto-me satisfeito comigo.				
2. Tenho ocasiões em que penso que não valho nada.				
3. Sinto que tenho algumas qualidades.				
4. Acho que consigo fazer as coisas tão bem como os outros.				
5. Sinto que não tenho muitas coisas de que me orgulhe.				
6. Às vezes sinto-me verdadeiramente inútil.				
7. Acho que tenho valor, pelo menos em comparação com os outros.				
8. Gostaria de sentir mais respeito por mim próprio.				
9. Em geral, inclino-me a pensar que sou um fracasso.				
10. Tenho uma ideia positiva de mim próprio.				

Q3. As próximas afirmações dizem respeito às suas emoções. As emoções podem ter um importante papel na vida das pessoas. Leia cada uma das afirmações seguintes e assinale aquela que mais se aproxime de como se tem sentido nos últimos tempos. Não pense demasiado nas suas respostas. A sua reacção imediata a cada uma das afirmações é, provavelmente, mais correcta do que uma resposta muito pensada.

1. Tenho-me sentido tenso ou agitado.

- | | |
|--------------------------|--------------------------------------|
| ☐ | 1. A maior parte do tempo. |
| ☐ | 2. Muitas vezes. |
| ☐ | 3. De vez em quando, ocasionalmente. |
| ☐ | 4. Nunca. |

2. Continuo a gostar das coisas que costumava gostar.

- | | |
|--------------------------|----------------------------------|
| ☐ | 1. Exactamente da mesma maneira. |
| ☐ | 2. Não tanto como antigamente. |
| ☐ | 3. Só um bocado. |
| ☐ | 4. Quase nada. |

3. Tenho tido uma espécie de sensação de ameaça, como se alguma coisa terrível estivesse para acontecer.

- | | |
|--------------------------|-------------------------------------|
| ☐ | 1. Sim, exactamente isso e é grave. |
| ☐ | 2. Sim, mas não é muito grave. |
| ☐ | 3. Um pouco, mas não me preocupava. |
| ☐ | 4. Nunca. |

4. Consigo rir e ver o lado positivo das coisas.

- | | |
|--|------------------------------------|
| | 1. Tanto como sempre pude. |
| | 2. Menos vezes do que antigamente. |
| | 3. Poucas vezes, hoje em dia. |
| | 4. Nunca. |

5. Têm passado pela minha cabeça pensamentos preocupantes.

- | | |
|--|---|
| | 1. A maior parte do tempo. |
| | 2. Muitas vezes. |
| | 3. De vez em quando, mas não é muito frequente. |
| | 4. Só ocasionalmente. |

6. Sinto-me bem disposto.

- | | |
|--|------------------------------|
| | 1. Nunca. |
| | 2. Não muito frequentemente. |
| | 3. Às vezes. |
| | 4. A maior parte do tempo. |

7. Consigo sentar-me descontraidamente e sentir-me relaxado.

- | | |
|--|------------------------------|
| | 1. Sem dúvida. |
| | 2. Habitualmente. |
| | 3. Não muito frequentemente. |
| | 4. Nunca. |

8. Tenho-me sentido como se estivesse “em câmara lenta”.

- | | |
|--|------------------|
| | 1. Quase sempre. |
| | 2. Muitas vezes. |
| | 3. Às vezes. |
| | 4. Nunca. |

9. Tenho sentido uma espécie de medo que me dá um “nó no estômago”.

- | | |
|--|--------------------------|
| | 1. Nunca. |
| | 2. Ocasionalmente. |
| | 3. Bastantes vezes. |
| | 4. Muito frequentemente. |

10. Tenho perdido o interesse pela minha aparência.

- | | |
|--|---|
| | 1. Sim, de certeza. |
| | 2. De facto, não tenho o cuidado que devia ter. |
| | 3. Penso já não ter o mesmo cuidado. |
| | 4. Não, tenho tido interesse como antigamente. |

11. Tenho-me sentido inquieto, como se estivesse sempre em acção.

☐	1. Muito.
☐	2. Bastante.
☐	3. Não muito.
☐	4. Nunca.

12. Encaro o futuro com alegria.

☐	1. Sim, como sempre aconteceu.
☐	2. Menos vezes do que era costume.
☐	3. Muito menos do que era costume.
☐	4. Não, de forma nenhuma.

13. Tenho tido súbitas sensações de pânico.

☐	1. Muitas vezes.
☐	2. Bastantes vezes.
☐	3. Poucas vezes.
☐	4. Nunca.

14. Consigo apreciar um bom livro, um programa de rádio ou de televisão.

☐	1. Frequentemente.
☐	2. Por vezes.
☐	3. Poucas vezes.
☐	4. Raramente.

Q4. Por favor, indique a resposta que parece adequar-se mais à sua situação. Lembre-se que só pretendemos saber acerca de queixas recentes, não das que pode ter tido no passado. Recentemente:

1. Tem conseguido concentrar-se naquilo que está a fazer?

☐	1. Melhor do que o habitual.
☐	2. Como habitualmente.
☐	3. Menos do que o habitual.
☐	4. Muito menos do que o habitual.

2. Tem dormido menos por se sentir preocupado?

☐	1. Não.
☐	2. Não menos do que o habitual.
☐	3. Menos do que o habitual.
☐	4. Muito menos do que o habitual.

3. Tem sentido que desempenha um papel útil?

- | | |
|--------------------------|-----------------------------------|
| ☐ | 1. Mais útil do que o habitual. |
| ☐ | 2. Como habitualmente. |
| ☐ | 3. Menos útil do que o habitual. |
| ☐ | 4. Muito menos do que o habitual. |

4. Tem-se sentido capaz de tomar decisões?

- | | |
|--------------------------|-----------------------------------|
| ☐ | 1. Mais do que o habitual. |
| ☐ | 2. Como habitualmente. |
| ☐ | 3. Menos do que o habitual. |
| ☐ | 4. Muito menos do que o habitual. |

5. Tem-se sentido constantemente sob tensão?

- | | |
|--------------------------|----------------------------------|
| ☐ | 1. Não. |
| ☐ | 2. Não mais do que o habitual. |
| ☐ | 3. Mais do que o habitual. |
| ☐ | 4. Muito mais do que o habitual. |

6. Tem sentido que não consegue ultrapassar as dificuldades?

- | | |
|--------------------------|----------------------------------|
| ☐ | 1. Não. |
| ☐ | 2. Não mais do que o habitual. |
| ☐ | 3. Mais do que o habitual. |
| ☐ | 4. Muito mais do que o habitual. |

7. Tem-se sentido capaz de gostar das suas actividades do dia-a-dia?

- | | |
|--------------------------|-----------------------------------|
| ☐ | 1. Mais do que o habitual. |
| ☐ | 2. Como habitualmente. |
| ☐ | 3. Menos do que o habitual. |
| ☐ | 4. Muito menos do que o habitual. |

8. Tem-se sentido capaz de encarar os seus problemas?

- | | |
|--------------------------|-----------------------------------|
| ☐ | 1. Mais do que o habitual. |
| ☐ | 2. Como habitualmente. |
| ☐ | 3. Menos do que o habitual. |
| ☐ | 4. Muito menos do que o habitual. |

9. Tem-se sentido infeliz e deprimido?

- | | |
|--------------------------|----------------------------------|
| ☐ | 1. Não. |
| ☐ | 2. Não mais do que o habitual. |
| ☐ | 3. Mais do que o habitual. |
| ☐ | 4. Muito mais do que o habitual. |

10. Tem perdido confiança em si próprio?

☐	1. Não.
☐	2. Não mais do que o habitual.
☐	3. Mais do que o habitual.
☐	4. Muito mais do que o habitual.

11. Tem-se sentido uma pessoa sem valor?

☐	1. Não.
☐	2. Não mais do que o habitual.
☐	3. Mais do que o habitual.
☐	4. Muito mais do que o habitual.

12. Considerando todos os aspectos da sua vida, tem-se sentido razoavelmente feliz?

☐	1. Mais do que o habitual.
☐	2. Como habitualmente.
☐	3. Menos do que o habitual.
☐	4. Muito menos do que o habitual.

Q5. As próximas questões referem-se ao seu estado de saúde no último mês. No último mês, em que grau sentiu os seguintes sintomas:

	NUNCA	QUASE NUNCA	ÀS VEZES	COM ALGUMA FREQUÊNCIA	MUITO FREQUENTE- MENTE
Dor de garganta					
Falta de ar					
Dores de cabeça					
Tosse ou catarro					
Constipação					
Tonturas e desmaios					
Perda de apetite					
Nervos, depressão e irritabilidade					
Dores no peito					
Problemas de ouvidos					
Congestionamento dos olhos ou outro problema de olhos					
Dores nas costas					
Dores nas articulações ou nos músculos					
Palpitações ou batimento violento do coração					
Feridas ou úlceras no estômago					

	NUNCA	QUASE NUNCA	ÀS VEZES	COM ALGUMA FREQUÊNCIA	MUITO FREQUENTE-MENTE
Ardor, comichão ou outros problemas de pele					
Insónias					
Cansaço constante					
Alergias					
Infecções					
Dificuldades de concentração					
Problemas cardíacos					
Dores no pescoço ou nos ombros					

Q6. De uma maneira geral, como considera o seu estado de saúde?

Muito Bom	Bom	Razoável	Mau	Muito Mau

Q7. Indique a sua concordância relativamente a cada um dos itens seguintes:

	COMPLETAMENTE FALSO					COMPLETAMENTE VERDADEIRO	
	1	2	3	4	5	6	7
1. Esperam-me muitas oportunidades no futuro.							
2. Espero estabelecer muitos (novos) objectivos no futuro.							
3. O meu futuro está cheio de oportunidades/possibilidades.							
4. Tenho grande parte da vida à minha frente.							
5. O meu futuro parece-me infinito.							
6. Posso fazer aquilo que quiser no futuro.							
7. Tenho bastante tempo de vida para fazer novos planos.							
8. Tenho a sensação de que o tempo se está a esgotar.							
9. No meu futuro apenas existem oportunidades/possibilidades limitadas.							
10. À medida que envelheço, começo a experienciar o tempo como limitado.							

Q8. Imagine que recebeu recentemente 1000 euros. Como distribuiria este dinheiro pelas opções abaixo?

Comprar alguma coisa para alguém especial.	
Investir num plano de reforma.	
Gastá-lo numa ocasião divertida.	
Pô-lo numa conta à ordem.	
Investir num plano de saúde vitalício.	
Total	1000 €

Q9. Das seguintes dezanove possíveis razões que explicam o desemprego indique, para cada uma, se considera que são muito importantes ou não importantes.

	MUITO IMPORTANTE					NÃO IMPORTANTE	
	1	2	3	4	5	6	7
1. Gestão industrial incompetente e com fraco planeamento.							
2. Falta de vontade por parte dos desempregados para se deslocarem para locais onde existe mais trabalho.							
3. Incapacidade dos desempregados para se adaptarem a novas condições.							
4. Sistema educativo não corresponde à oferta do mercado de trabalho.							
5. Os desempregados carecem de auto-conhecimento e procuram trabalhos que não correspondem às suas qualificações.							
6. Os desempregados não se qualificam para as necessidades do mercado actual.							
7. Introdução em grande escala de sistemas automáticos.							
8. Falta de orientação e aconselhamento profissional.							
9. Acumulação de cargos pelo mesmo empregado e empresas com várias vertentes incorporadas.							
10. Aumento dos salários resulta numa diminuição de postos de trabalho.							
11. As grandes empresas e as instalações industriais deslocaram-se para outras áreas ou para outros países.							
12. OS desempregados não se esforçam o suficiente para conseguirem um emprego.							
13. Falta de esforço e preguiça por parte dos desempregados.							
14. Os empregadores contratam mais facilmente pessoas sem obrigações familiares.							
15. Os desempregados são demasiado exigentes e orgulhosos para aceitarem alguns tipos de trabalho.							
16. Alterações demográficas e populacionais.							
17. As empresas atenderam à evolução tecnológica.							
18. Sistema educativo deficiente.							
19. Falta de inteligência e capacidades dos desempregados.							

Muito Obrigada